



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS**

LETÍCIA PASCHOALICK

QUADRINHOS E AFETOS: UM OLHAR AUTOBIOGRÁFICO

JOÃO PESSOA, PB

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P279q Paschoalick, Letícia.

Quadrinhos e afetos: um olhar autobiográfico /
Letícia Paschoalick. - João Pessoa, 2024.
84 f. : il.

Orientação: Marcelo Coutinho.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Artes Visuais - TCC. 2. Arte - Cura. 3. História
em quadrinhos. 4. Autobiografia. I. Coutinho, Marcelo.
II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 7.01(043.2)

LETÍCIA PASCHOALICK

QUADRINHOS E AFETOS: UM OLHAR AUTOBIOGRÁFICO

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Artes Visuais do Centro de Comunicação Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Coutinho

JOÃO PESSOA, PB

2024

LETÍCIA PASCHOALICK

QUADRINHOS E AFETOS: UM OLHAR AUTOBIOGRÁFICO

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Artes Visuais do Centro de Comunicação Turismo e Artes da Universidade Federal da Paraíba como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais

Aprovado em: 05/11/2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marcelo Coutinho
(Orientador)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente



SABRINA FERNANDES MELO

Data: 09/11/2024 11:16:50-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Sabrina Fernandes Melo
(Examinador Interno)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Documento assinado digitalmente



ALBERTO RICARDO PESSOA

Data: 08/11/2024 19:55:46-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alberto Ricardo Pessoa
(Examinador Externo)

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Dedico este trabalho aos meus pais, irmãos e amigos
que sempre me apoiaram durante minha graduação.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer meu professor e orientador Marcelo Coutinho por me guiar durante o trabalho e contribuir com minha pesquisa.

Agradeço aos meus pais que tornaram este momento possível e sempre me apoiaram.

Agradeço aos meus amigos Krysna Marques e Anderson da Silva Nascimento por sempre estarem presentes e acompanharem o processo de minha escrita.

Agradeço ao meu irmão Caju Paschoalick, por me guiar e contribuir com o desenvolvimento de minha pesquisa.

Agradeço minhas gatas Malu e Pipa, e minha psicóloga por me tranquilizarem durante todo o processo de execução deste trabalho.

Por fim, agradeço a mim mesma por perseverar, se esforçar, e apesar dos pesares, conseguir concluir este TCC.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso explora, através da “escrita incorporada”, o meu processo de criação a partir de minhas vivências pessoais e da relação com as histórias em quadrinhos e artes visuais. Inspirada por teóricos como Julia Kristeva, Michel Foucault e Carl Jung, a pesquisa examina a interseção entre HQs autobiográficas e teorias da arte contemporânea com ênfase na arte-cura, utilizando o projeto artístico "Eu, euzinha" como exemplo prático do hibridismo entre ambas as áreas, não com o intuito de se autodenominar HQ, mas sim de mostrar as influências destes no meu processo criativo. A pesquisa reflete acerca das dificuldades em conciliar a linguagem dos quadrinhos com o sistema das artes visuais, destacando a escassez de estudos acadêmicos sobre essa temática. Dessa forma, o trabalho propõe uma abordagem íntima e introspectiva, conectando os processos criativos com a cura emocional e oferecendo uma nova perspectiva para os estudos em artes visuais, sobretudo no contexto da arte contemporânea e suas margens.

Palavras-chave: arte; cura; quadrinhos; autobiografia.

ABSTRACT

This thesis explores, through the practice of “embodied writing”, my artistic creation process based on personal experiences and the relationship with comic books and visual arts. Inspired by theorists such as Julia Kristeva, Michel Foucault, and Carl Jung, the research examines the intersection between autobiographical comics and contemporary art’s theories with emphasis on art-healing, using the artistic project “Eu, euzinha” as a practical example of the hybridism between both areas, not with the intention of self-proclaiming as a comic, but of showcasing its influences on my creative process. The thesis reflects on the challenges of reconciling the comic book’s language with the visual arts system, highlighting the scarcity of academic research on this subject. Based on that, this work proposes an intimate and introspective approach, connecting creative processes with emotional healing and offering a new perspective for visual arts studies, especially in the context of contemporary art and its margins.

Keywords: art; healing; comics; autobiographical.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Prisão.....	15
Figura 2 — Inquietação.....	15
Figura 3 — Corda Bamba.....	16
Figura 4 — Fotografia do mangá físico de Kabi Nagata.....	17
Figura 5 — Chica de Imanência.....	19
Figura 6 — Tirinha de Sarah Andersen.....	23
Figura 7 — Tirinha escaneada e postada na internet.....	26
Figura 8 — Quadrinho Dançando no Vazio 133.....	29
Figura 9 — Quadrinho Dançando no Vazio 227.....	29
Figura 10 — São Paulo, a cidade que é uma roubada.....	32
Figura 11 — O grande rio.....	32
Figura 12 — Suplicy e Maluf formam par de vasos.....	33
Figura 13 — Capa vol. 1 de Punpun ed. brasileira.....	34
Figura 14 — Experimento 1.....	35
Figura 15 — Experimento 2.....	36
Figura 16 — Experimento 3.....	37
Figura 17 — Experimento 4.....	38
Figura 18 — Fotografia capa do caderno.....	39
Figura 19 — Eu, euzinha I.....	40
Figura 20 — Eu, euzinha II.....	41
Figura 21 — Eu, euzinha III.....	42
Figura 22 — Eu, euzinha IV.....	43
Figura 23 — Eu, euzinha V.....	45
Figura 24 — Eu, euzinha VI.....	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	MINHA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA.....	12
3	HISTÓRIA DAS HQs.....	20
3.1	Quadrinhos Autobiográficos.....	22
3.2	HQs na Internet.....	25
4	SAÚDE MENTAL E ARTE-CURA.....	28
5	EU, EUZINHA.....	34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS.....	48
	APÊNDICE A — Eu, euzinha.....	51

1 INTRODUÇÃO

O exercício de falar de “si” é um processo de frustrações, ansiedades e motivações. Para quem nunca havia se considerado referência, se tornar o centro de minhas produções tem significado me compreender mais, me explorar mais e me enxergar mais. Julia Kristeva (1987) dizia que a melancolia não é uma doença do filósofo, mas sim sua própria natureza, e que nela é onde se encontra o sentido e o potencial da criação. O descobrimento da poética nas profundezas do psicológico, assim como Kristeva, é o que fomenta minha produção artística. É através dessa exploração e compreensão do meu eu, que o meu projeto artístico destrinchado nesta pesquisa ganha vida. Como uma fênix que renasce de suas cinzas, é um trabalho que se auto-alimenta e ao mesmo tempo se auto-recria. Aqui, viso explicar os processos, referências e filosofias que constituem minha contínua obra “Eu, euzinha”, uma série de desenhos produzidos em bloco de notas, sem previsão de término.

As histórias em quadrinhos e ilustrações ocupam um importante espaço em minha vida, e se entrelaçam com minhas experiências acadêmicas ao longo do curso de Artes Visuais e com o desenvolvimento do meu projeto artístico. Ao pesquisar mais sobre a relação deste tipo de produção com esta área de formação (e através da minha própria experiência enquanto discente), percebi como estão desassociadas e como as Artes Visuais parecem, de um certo modo, se afastar dos tipos de visualidades que não se enquadram no sistema de arte contemporânea. Há poucos estudos acadêmicos próprios das Artes Visuais, especialmente na UFPB (Universidade Federal da Paraíba), que se debruçam sobre a potencialidade dos quadrinhos enquanto técnica, e enquanto uma produção capaz de se aprofundar conceitualmente e de se mesclar com as teorias da arte contemporânea. Consequentemente, também percebi que há escassez de pesquisas acadêmicas que relacionem as HQs (Histórias em Quadrinhos) a essas teorias.

Com isto em mente, busco relacionar nesta pesquisa, meu trabalho artístico com meu histórico na área das histórias em quadrinhos e das artes visuais, trazendo um olhar autobiográfico acerca de meus processos, das relações psicológicas como pessoa depressiva, e das conexões entre minha obra, os quadrinhos e o processo de cura. Por se tratar de algo tão íntimo, optei por utilizar

uma linguagem mais poética e pessoal, que possibilitasse uma melhor compreensão e identificação com meus sentimentos e processos, e que combinasse com o teor introspectivo de minha pesquisa. Uso como base metodológica a “escrita incorporada” desenvolvida por Marcelo Coutinho¹, juntamente com embasamentos bibliográficos que refletem minha experiência como artista. Esta escrita parte dos afetos, se aproxima da emoção ao invés de se afastar (como a linguagem científica costuma fazer), e não se posiciona alheia ao que está sendo pesquisado como se fosse um mero espectador, mas sim como um participante ativo.

Escolhi realizar a pesquisa dessa forma, pois acredito que seja muito difícil falar sobre um trabalho artístico tão pessoal sem introduzir uma perspectiva autobiográfica e sem relacioná-la com as referências que obtive ao longo de minha vida que culminaram no “Eu, euzinha”. Utilizo bases teóricas como a “escrita de si” de Michel Foucault, as teorias de Julia Kristeva e a psicanálise de Carl Jung para compreender e fundamentar as relações que teci entre minha produção nas Artes Visuais e os quadrinhos ao longo desta pesquisa, questionando as estruturas que afastam estas diferentes esferas artísticas. Deste modo, o título da pesquisa “quadrinhos e afetos” não busca definir a linguagem do meu projeto de arte, mas sim de mostrar como estes foram participantes no meu processo criativo, sendo um olhar autobiográfico sobre minha própria trajetória.

No segundo capítulo, explico minha trajetória artística e minhas experiências pessoais para contextualizar o pensamento por trás do meu projeto através de um olhar introspectivo. O terceiro capítulo traz referências bibliográficas a respeito da história dos quadrinhos autobiográficos, desde sua criação até sua ascensão na internet. O quarto capítulo se aprofunda nos conceitos psicanalíticos de arte-cura, a fim de fundamentar minhas motivações e o desenvolvimento do meu processo artístico e conceitual. No quinto capítulo, explico a relação de todas as teorias citadas com a alma da minha produção, além de explicar detalhadamente seu processo de execução. Desse modo, busco contribuir e possivelmente ampliar o campo de estudos em Artes Visuais através das conexões entre meu projeto

¹ “[...] a linguagem incorporada será sempre inaugural. Ela torna sensível, ela dá a ver o poder de nomenclatura da palavra. Renomeando ela reinaugura as coisas, recobrando em si a carne e a integridade do mundo. Ela arranca o mundo da redutora objetivação em que foi lançado, salvaguardando o ser das coisas.” (Coutinho, 2011, p. 89-91)

artístico e um tipo de produção que fica à margem do circuito contemporâneo de arte.

2 MINHA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA

Sou desenhista desde que me entendo por gente e cresci rodeada por diferentes manifestações artísticas dentro do meu círculo familiar, sendo as principais música e desenho. Minha principal influência foi meu pai, arquiteto e artesão nas horas vagas, que para além das plantas e projetos de casas, vez ou outra me impressionava com suas habilidades que até então eu não conhecia. Uma das minhas memórias mais marcantes, de quando eu tinha uns 4 ou 5 anos, é de ver meu pai sentado na mesa da sala. Ele estava desenhando o Menino Maluquinho, personagem clássico do quadrinista Ziraldo, para um trabalho de escola do meu irmão.

Lembro de como aquilo me inspirou a tentar desenhar personagens que me cercavam na infância, principalmente dos gibis da Turma da Mônica que meu pai sempre comprava e que eu adorava folhear mesmo sem saber ler. Durante vários momentos da minha infância, tentava também rabiscar em folhas de papel, minhas próprias histórias em quadrinhos. Eram bem simples, sem balões de fala, mas já demonstravam essa tentativa de retratar uma cena contínua. Conforme fui crescendo e me interessando mais pelo aprendizado do desenho, muitos dos meus referenciais também vieram das HQs.

A virada de chave que me trouxe uma insaciável vontade de estudar e aprender técnicas foi aos 10 anos, quando vi na televisão um programa ensinando a desenhar em estilo mangá. Era um tutorial simples que focava na estrutura do rosto, mas foi o suficiente para me instigar. Foi em torno dessa mesma época que comecei a me interessar por animes (desenhos animados japoneses) e mangás, algo que influenciou muito no meu aprendizado e relação com o desenho. Lembro de tentar aprender anatomia copiando os painéis das revistinhas da Turma da Mônica Jovem, e imitando o traço de alguns mangás que gostava de ler. É natural que, dado esse contexto, minha produção artística tenha se direcionado muito para esse campo.

Desde então, e até nos dias atuais, meu foco se tornou a ilustração de personagens e experimentações com HQs, que começaram no papel mas eventualmente migraram para o desenho digital. Estas obras retratavam personagens hora criados por mim, hora de animações e quadrinhos que me interessavam. Este tipo de produção, de certa forma, se tornou uma espécie de

zona de conforto, e foi por muito tempo a única expressão artística que me interessava.

Quando entrei no curso de graduação em Artes Visuais na UFPB, me deparei com um universo artístico muito distinto daquilo que eu já conhecia. O mundo das ilustrações e o mundo da arte contemporânea pareciam muito distantes, e isso me fez questionar se eu realmente era artista ou se apenas pensava que era. Presenciei, ao longo do curso, uma intensa rejeição (por parte de alguns docentes) a este tipo de produção. Elas não eram consideradas participantes da pluralidade que engloba as Artes Visuais, e acreditei que tudo aquilo que eu conhecia não serviria de muita coisa durante minha formação.

Isso logo gerou alguns atritos, pois encontrei a necessidade de explorar novas técnicas e de exercitar a parte conceitual do meu trabalho, deixando de lado por muito tempo o tipo de produção que eu mais gostava. Entretanto, não foi de todo mal, pois com essa demanda proporcionada pela universidade, amadureci meu pensamento por trás das minhas criações e descobri novas formas de fazer arte que antes não conhecia. Entre os experimentos com pintura, gravura, vídeo-arte, etc, encontrei um tópico que veio a se tornar cerne do meu trabalho artístico ao longo do curso: eu mesma.

Desenvolvi depressão desde muito cedo em minha adolescência, mas nunca havia considerado utilizar o meu desenho para expressar aquilo que sentia e guardava para mim. Minhas ilustrações de personagens me distraíam da realidade conflituosa que eu vivia na época, então me parecia mais pertinente viver sob essa “distração” do que trazer meus sentimentos à frente. Na minha cabeça este tipo de produção me parecia mais “rebuscado”, algo que exigia planejamento e que só os idealizados “grandes artistas” conseguiam executar apropriadamente. Eu não sabia nem por onde começar, não sabia como me expressar através da arte, e acreditava que deveria ser algo completamente poético e conceitual, que fosse capaz de emocionar os outros acima de tudo, como se eu não estivesse fazendo isso por mim mesma.

Já na universidade, a necessidade de desenvolver um lado mais conceitual nas minhas produções me fez perceber que falar de mim mesma era o caminho mais fácil. Isso se dá porque, acima de tudo, minha subjetividade é o assunto que mais me cerca como pessoa depressiva e neurodivergente. Os principais trabalhos que surgiram, feitos para algumas disciplinas e exposições realizadas na galeria A

Lavadeira (como durante o evento “Ocupa Centro”, realizado pelo professor Robson Xavier, e a exposição “Gabinete do Acúmulo”), são as vídeo-performances “Prisão” (2022) e “Inquietação” (2022), e a pintura “Corda-Bamba” (2023). Todas as três obras giram em torno do meu emocional.

Figura 1 — Prisão

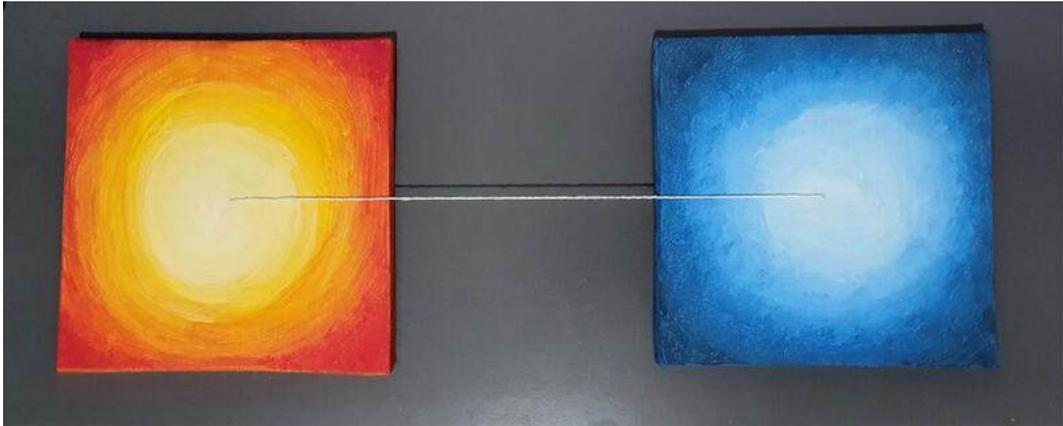


Captura de tela de uma videoperformance
Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 2 — Inquietação



Captura de tela de uma videoperformance
Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Figura 3 — Corda Bamba

Guache sobre tela

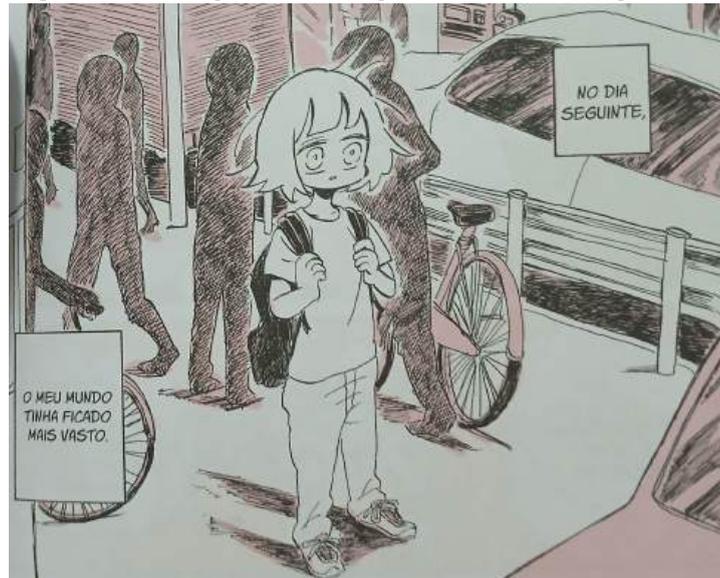
Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Essas produções, no entanto, são muito experimentais. Eu estava em processo de autodescobrimento, buscando encontrar uma linguagem que funcionasse melhor para mim. Trabalhar com vídeo-performance, apesar de interessante, me trazia um grande desconforto, principalmente por não gostar de colocar minha imagem real nas obras. Trabalhar com pintura, por sua vez, exige planejamento, materiais caros e demanda muito tempo, o que me deixa desmotivada.

Hoje, consigo enxergar que muitas das experimentações que realizei no decorrer do curso, foram tentativas de atingir a imagem idealizada que eu tinha de artistas que trabalhavam com a auto-expressão, como os trabalhos que eu conhecia de Frida Kahlo, por exemplo, ou até mesmo de colegas universitários como Aurora Caballero. O afastamento que tive com ilustrações e quadrinhos, também contribuiu com a consolidação da imagem de um artista ideal que eu precisava atingir para ser considerada boa o suficiente e pertencente às Artes Visuais, uma incessante busca de me tornar o tal “artista” .

Eu comecei a desconstruir essa imagem idealizada durante a pandemia de covid-19, quando li um quadrinho mangá da artista japonesa Kabi Nagata, chamado “Minha Experiência Lésbica com a Solidão” (2019). Este mangá me trouxe uma perspectiva diferente em relação às histórias em quadrinhos em geral, pois não se tratava de uma ficção ou romance, mas sim de uma autobiografia. Neste quadrinho, a autora se insere como uma personagem de aparência diferente da realidade, porém conta em primeira pessoa suas experiências reais lidando com a depressão, auto-descoberta e dificuldades íntimas na vida adulta.

Figura 4 — Fotografia do mangá físico de Kabi Nagata



Fonte: Nagata, p. 64 (2019)

Neste momento eu comecei a perceber que, para falar sobre mim mesma, eu poderia usar uma linguagem com a qual eu me identificasse mais, ao invés de tentar imitar ou me enquadrar num padrão da arte conceitual e contemporânea que eu idealizava. Na época, cheguei a cogitar também produzir uma história em quadrinhos autobiográfica por trás de um pseudônimo, especialmente quando a autora menciona em seu mangá “Eu também quero! Quero contar uma história sobre mim mesma em que as pessoas pensem: ‘Como ela teve coragem de divulgar isso?’...!”. (Nagata, 2019, p. 120)

No entanto, os desafios por trás da produção de uma história em quadrinhos eram maiores do que minha vontade de produzir. Escrever e planejar um roteiro, esboçar e finalizar várias páginas e painéis, tudo isso demanda muito tempo e dedicação, acabei deixando a possibilidade de lado, especialmente com a dificuldade de conciliar este tipo de projeto com outras atividades. Em 2023, durante as disciplinas Laboratório de Criação de Textos I e II, ministradas pelo meu professor e orientador, Marcelo Coutinho, tive um contato mais direto com a experiência da “escrita de si” e da utilização da linguagem incorporada. Fui introduzida também às teorias de Julia Kristeva² acerca do papel da melancolia e depressão como fontes filosóficas (ou, no meu caso, voltado à criação artística). A ideia de utilizar minhas próprias aflições e afetos como base criativa parecia muito

² “Para aqueles a quem a melancolia devasta, escrever sobre ela só teria sentido se o escrito viesse da melancolia.” (Kristeva, 1987, p. 11)

pertinente, e descrevia perfeitamente o que eu já havia trazido em minhas experimentações. Foi como destrinchar e compreender a poética que eu vinha desenvolvendo inconscientemente, o que contribuiu conceitualmente ao meu projeto artístico.

Foi um processo um tanto quanto desconfortável inicialmente, mas que acabou me ajudando nessa jornada da auto-expressão, principalmente por me tirar da zona de conforto e me fazer confrontar minha subjetividade que tanto me assustava no passado. Isso também colaborou com o exercício da narrativa autobiográfica que eu tinha dificuldade em desenvolver, e permitiu que eu aprendesse a me expressar melhor através de palavras. Posso dizer que, apesar dos empecilhos referentes ao tratamento das Artes Visuais para com ilustrações e HQs, pude vivenciar uma troca de conhecimentos e experiências no decorrer do curso que me permitiram amadurecer, conhecer novas técnicas e conceitos, e que acima de tudo, contribuíram para a construção de um pensamento ampliado em relação às artes.

Nessas disciplinas, tive contato com a produção artística e textual de outros alunos que me marcaram, mas a virada de chave veio quando conheci o trabalho de minha colega de curso Francisca Vaz. Ela trouxe desenhos e esboços que representavam devaneios e situações que ocorriam com ela, um trabalho relativamente simples, mas de muita profundidade e que muito dizia sobre ela. Ali eu percebi que eu também poderia me expressar de forma prática, sem muito planejamento, e que meus próprios pensamentos poderiam se tornar conteúdo artístico. Não havia necessidade de realizar um projeto ao qual eu precisasse dedicar muito esforço, ou que eu precisasse quebrar a cabeça escrevendo e desenvolvendo uma narrativa para enfim ser publicada (como ocorria com meus experimentos, por exemplo). Sempre tive dificuldades em criar narrativas fictícias, de falar sobre algo ao qual não tenho contato direto. Ninguém me conhece melhor do que eu mesma, então por que não desenhar e escrever sobre meus pensamentos?

Figura 5 — Chica de Imanência



Desenho digital

Fonte: Imagem fornecida por Francisca Vaz (2024)

Foi como um reencontro com o desenho, mas dessa vez com um olhar mais amadurecido, com um significado por trás. Continuo, no entanto, criando ilustrações de personagens como sempre fiz, mas lado a lado com essa outra produção mais íntima e sóbria que desembocou no meu projeto artístico que chamo de “Eu, Euzinha”, cerne desta pesquisa.

3 HISTÓRIA DAS HQs

As histórias em quadrinhos sempre me fascinaram desde a infância, tanto pelas ilustrações e personagens divertidos, quanto pela linguagem lúdica e amplamente comunicativa. Apesar de gostar muito de ler, preferia as leituras que vinham acompanhadas de ilustrações à leituras completamente escritas. Isso se dava principalmente pelo meu forte interesse por desenhos, mas também pela maior facilidade que eu tinha de compreender algum assunto quando vinha acompanhado de uma representação visual. Nos dias atuais, este traço permanece em mim, e hoje compreendo que parte disso vem pelo fato de eu apresentar traços de TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) que prejudicam minha atenção e compreensão na hora da leitura, especialmente quando se trata de textos técnicos e/ou formais.

Acredito que o poder comunicativo das HQs se dá por ser um tipo de mídia que carrega dois formatos de linguagem que foram amplamente desenvolvidos e pesquisados pela humanidade desde os primórdios das civilizações: a imagem e a escrita. Pode-se dizer que os homens das cavernas já estavam dando início a narrativas imagéticas e ilustrações que sugeriam movimento e continuidade através das pinturas rupestres que retratavam seus cotidianos, animais, cenas de caça, ritos, etc. Nesta época, a imagem se tornou artifício fundamental para o registro histórico-cultural de um povo, indo além da oralidade.

Com o advento da escrita, especialmente no ocidente, a imagem passa a se tornar uma linguagem secundária e complementar ao elemento textual, uma vez que ela permite a transmissão de uma mensagem de forma mais objetiva e prática, além de ocupar menos espaço. Ao longo da idade média, a imagem passa a se moldar ao texto cada vez mais através das escrituras religiosas realizadas em mosteiros pelos escrivães, e posteriormente com o surgimento da gravura e da prensa tipográfica.

O surgimento das histórias em quadrinhos do jeito que conhecemos hoje, difere de país para país. Nos Estados Unidos aparece, em 1894, Yellow Kid (criado por Richard F. Outcalt), uma das primeiras histórias em quadrinhos publicada no jornal New York World. Este tipo de produção, sendo divulgado por um grande veículo de informações, revolucionou o mercado e popularizou os quadrinhos (Luyten, 1987).

Inicialmente, eles eram de cunho humorístico (assim como sugere o nome em inglês “*comics*”), mas logo outros gêneros começaram a aparecer, como o suspense e as aventuras. Todas essas publicações ocorriam, em sua maioria, diariamente pelos jornais. Foi no final da década de 30, com o advento da segunda guerra mundial, que começaram a surgir nos Estados Unidos os quadrinhos de super-heróis que foram responsáveis pela introdução das revistinhas no país.

Já no Brasil, os quadrinhos nascem das charges feitas em gravura e vendidas em papel avulso em 1837. Em 1869, ocorre a publicação da HQ intitulada “Nhô Quim”, de Angelo Agostini, com histórias de aventura e sátiras políticas. As revistinhas também apareceram bem antes em comparação aos Estados Unidos, com o lançamento do periódico “O tico-tico” de Renato de Castro em 1905, que em algumas décadas evoluiu para o formato dos “gibis” que conhecemos hoje, e também para a publicação em jornais (Lotufo, *et al.* 2022).

Os quadrinhos tiveram seus altos e baixos ao longo da história. Nos EUA (Estados Unidos), por exemplo, ocorreu a propaganda anti-quadrinhos que, por trás de um intenso moralismo, divulgava este tipo de linguagem como sendo uma má influência às crianças, e até que era a culpada pelos males da sociedade. Nessa época surge o *comics code*, selo atribuído às revistas cujo conteúdo estava dentro dos parâmetros morais estabelecidos pela Associação Americana de Revistas em Quadrinhos. Funcionava como uma espécie de censura que delimitava quais HQs poderiam ser publicadas ou não.

Por conta disso e também pelas consequências da segunda guerra, os quadrinhos passaram por um período de decadência em meio a falta de recursos (Luyten, 1987). Com o tempo, como forma de se reerguer, eles lançaram-se nos jornais e revistas com temas políticos, sociais e existencialistas. Na década de 50 surgem, por exemplo, os personagens da “Turma de Charlie Brown” e, anos depois, os quadrinhos da personagem argentina “Mafalda” que muito questionavam a humanidade. Ao longo da segunda metade do século 20, quadrinhos com temáticas adultas começaram a surgir e se popularizar, “[...] com uma crescente publicação de títulos com enredos ficcionais cada vez mais complexos (Um Contrato com Deus, Watchmen, O Cavaleiro das Trevas, V de Vingança) ou mais voltados à factualidade referencial (Maus, Palestina)” (Celestino; Lucas, 2015, p. 314).

3.1 Quadrinhos Autobiográficos

Na virada do século XXI, seguindo a corrente de novas temáticas, populariza-se um gênero que havia começado a ser explorado nos anos 70: as autobiografias (ou *graphic memoirs*). Elas surgem como espécie de contracultura, distanciando-se do meio *mainstream* das HQs estadunidenses, com a ideia de trazer a realidade por meio de relatos pessoais para dentro dos quadrinhos. Este tipo de produção que estava fora do circuito de massa, desafiava muitas vezes a moralidade que havia se construído nos anos 50, sendo publicadas e vendidas por meios alternativos. A maioria dos quadrinhos *underground* não possuíam o selo de aprovação (*comics code*) e não pegavam leve com as críticas sociais e temas escandalosos para a época, portanto o termo “comix” era utilizado para diferenciá-los dos quadrinhos comuns. Santiago Garcia (2012) chegou a colocar as autobiografias como o gênero mais importante que foi introduzido pelos quadrinistas marginais ao *mainstream*, considerando Justin Green um dos pioneiros no gênero com a publicação de “Binky Brown Meets the Holy Virgin Mary” em 1972. Pode-se dizer que Green abriu caminho para outros autores que logo se tornaram referência, como Robert Crumb e Art Spiegelman. De acordo com Garcia (2012, p. 176),

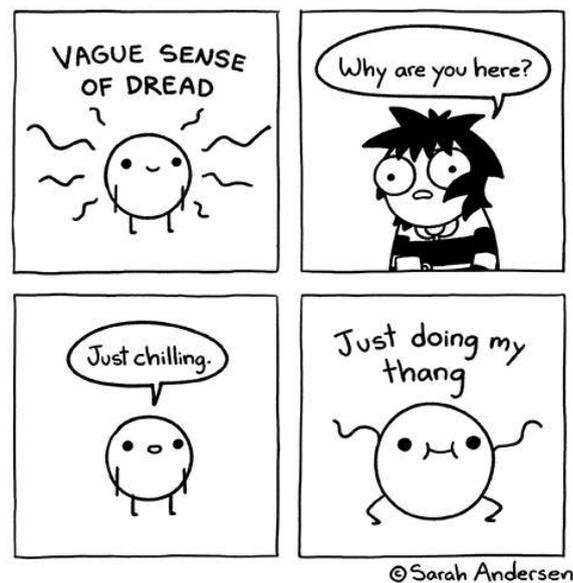
A HQ, de quarenta páginas - uma extensão mais que considerável para os padrões da época -, narrava a luta do protagonista contra suas ansiedades sexuais durante a adolescência, afligido pelo que hoje se conhece como Transtorno Obsessivo Compulsivo. A sinceridade e a seriedade com que era contada abriam a possibilidade de se utilizar os quadrinhos como algo mais que uma ferramenta de provocação fácil contra o sistema “dos adultos” e para a derrubada da moral social caduca.

As características que definem os quadrinhos autobiográficos são diversas, mas podem se resumir na presença do autor na narração, nos eventos a serem retratados e nos personagens criados. Entretanto, acredito que não há uma fórmula para a produção deste tipo de conteúdo, pois estas características podem se aplicar de maneiras completamente distintas em diferentes obras. Enquanto no mangá de Nagata é posto de maneira explícita que trata-se de um relato pessoal (através da narração em primeira pessoa e da inserção da autora de maneira direta), em “Monica” (2023) de Daniel Clowes, por exemplo, só se percebe os elementos autobiográficos se conhecer bem a história do autor, do contrário a HQ

passa como uma obra completamente fictícia (uma vez que Clowes insere momentos de sua própria vida em uma personagem que a princípio não se apresenta como sendo uma representação sua).

Assim como a forma de inserir a autobiografia pode variar de quadrinho para quadrinho, as temáticas a serem abordadas também podem ser diversas. Quaisquer acontecimentos ou devaneios que o autor considere interessante de retratar, são válidos quanto conteúdo. Nagata relata sua sexualidade e depressão, Clowes fala sobre a relação com sua mãe, a cartunista Laerte explora suas experiências sendo um corpo transgênero e político. É perceptível que muitos dos quadrinhos desse gênero relatam histórias sóbrias, acontecimentos conflituosos ou angustiantes, confusões que o autor experienciou, etc. Claro que, em meio a tantas obras, há também aquelas de tom mais humorístico, como muitas das tirinhas de Sarah Andersen (conhecida por Sarah's Scribbles) que trazem aspectos cômicos do seu dia a dia, desde os inconvenientes da vida adulta, até a relação que possui com seu gato de estimação. No entanto, mesmo Sarah faz quadrinhos um pouco melancólicos vez ou outra.

Figura 6 — Tirinha de Sarah Andersen



Fonte: Andersen (2024)

Acredito que essa recorrência temática está relacionada com a necessidade do autor de desabafar, ou até mesmo de se confessar³. Robert Crumb é um grande

³ A pesquisa de Lucas Marques Sampaio que encontrei após ter concluído este trabalho, reflete minhas opiniões. Portanto, achei interessante mencioná-lo. “[...] dessa necessidade de se confessar,

exemplo da utilização das HQs como um diário confessional sobre suas compulsões sexuais e fetiches que ele próprio condenava e considerava repulsivo. O artista foi duramente criticado pela onda feminista na época por retratar cenas agressivas de sexo que colocavam a mulher num papel de sexualização e submissão, algumas até retratando situações de violência sexual, que eram extremamente chocantes para a época. Ao desenhar essas cenas, Crumb expunha uma parte de si que muito sentia vergonha, mesmo sabendo que receberia fortes críticas, pois sentia a necessidade de externalizar essas fantasias como uma forma de tentar lidar com seus próprios desejos. Nagata, em seu mangá, trazia tanto desabafos sobre a dificuldade de trabalhar e sobreviver estando em depressão profunda, quanto confessava seus desejos sexuais que giravam em torno da figura materna e tentativas frustradas de se relacionar com prostitutas. Como André Conti coloca, o ato de produzir um quadrinho autobiográfico é como olhar para si e encarar questões não-resolvidas.

Com algumas exceções, poucos quadrinhos autobiográficos são sobre o dia-a-dia desses quadrinistas, como é o caso de Harvey Pekar. Na maior parte dos casos dos livros autobiográficos, existe uma questão de acerto de contas com o passado. (Conti, 2009, p. 15)

Me identifico muito com esta definição, pois assim como esses autores, meus desenhos também se tornaram um material de desabafos como forma de lidar com meus sentimentos melancólicos e pensamentos cotidianos que (muitas das vezes) se relacionam com os problemas que enfrento. Apesar da minha produção não retratar cenas longas que contam uma história sequencial de páginas, os desenhos avulsos se complementam e formam um conjunto da minha identidade, que também expõe o meu íntimo ao público. Michel Foucault (2004) colocava a “escrita de si” como um exercício fundamental para o aprendizado introspectivo, de lidar com seus segredos, vergonhas, medos e desejos. Um exercício do olhar sobre a alma, o passado e o cotidiano sem o julgamento de terceiros. Acredito que as HQs autobiográficas, assim como meu trabalho artístico, se enquadram como um tipo de “escrita de si”, ou ao menos como uma junção disso ao desenho.

o indivíduo que confessa assume um compromisso com a verdade e a sinceridade sobre os fatos, por mais que sejam vergonhosos ou difíceis de tratar. É uma necessidade de passar a limpo aquilo que carecia de análise e reflexão, de esclarecer os logros e buscar atingir o cerne dos porquês e das consequências dos acontecimentos.” (Sampaio, 2013, p. 18)

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente em sua relação de complementaridade com a anacorese: ela atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; [...] o constrangimento que a presença de outro exerce na ordem da conduta, a escrita o exercerá na ordem dos movimentos interiores da alma; (Foucault, 2004, p. 144)

3.2 HQs na Internet

Uma pesquisa realizada por Ricardo Jorge de Lucena Lucas e Juliana Braga Celestino (2015), com dados retirados de um site de estante virtual, mostra que nos anos 2000 houve um boom na produção e publicação de quadrinhos autobiográficos, seguido por outros aumentos significativos em 2003 e 2006. De 2009 para 2010, as publicações quase triplicaram em relação ao início da década. Desde então, mesmo nos momentos de recaída, a quantidade dessas HQs nunca chegou a níveis inferiores aos do final do século XX.

Após o período em que este gênero esteve sob a influência dos quadrinhos underground e alternativos, os quadrinhos autobiográficos se tornaram centrais no mainstream, talvez apenas atrás do gênero de super-heróis, mas muitas vezes o substituindo em alguns círculos editoriais. A proliferação de quadrinhos autobiográficos no século XXI resultou em um gênero enormemente variado, no qual as tendências amplas são frequentemente difíceis de distinguir, e existem muitas obras significativas e notáveis para serem abordadas em uma história como esta. (Kunka, 2018, p. 52. Tradução nossa)

Eu acredito que este aumento esteja relacionado, principalmente, com o advento da internet e a popularização das redes sociais e websites especializados como principal plataforma de divulgação artística⁴. De acordo com o pesquisador Thiago Mallet (2009, p. 64), muitas empresas aproveitaram a popularização da internet para comercializar espaço virtual em servidores (domínios). Logo, pessoas físicas também começaram a comprar seus domínios e montar websites. Isso permitiu que plataformas online voltadas exclusivamente para publicação de quadrinhos (como o Tapas, por exemplo) começassem a surgir e se popularizar.

Entre 2000 e 2010, diversas redes sociais foram criadas e se tornaram o principal meio de comunicação digital no mundo inteiro, como o Facebook, Twitter

⁴ Nos início dos anos 90, já haviam HQs sendo produzidas digitalmente, No entanto, estas eram publicadas em mídia física. Foi aproximadamente na virada do século que os quadrinhos começaram a circular por meio da internet e esta se tornou o principal meio de divulgação (Mallet, 2009, p. 64).

e Instagram. Muitos artistas surgiram e ganharam fama nessas redes, utilizando-as como ferramenta para publicação de HQs e tirinhas que foram feitas exclusivamente para circular na internet (popularmente conhecidas como webcomics). Posso dizer que acompanhei durante toda minha adolescência, a aparição de diversos quadrinistas que postavam seu trabalho digitalmente, e estive diretamente envolvida neste meio. Em 2016, cheguei a criar uma página no Facebook para publicar minhas próprias tirinhas, e utilizava esses artistas que eu acompanhava como fonte de inspiração. Considero importante mencionar isso, pois acredito que se eu não tivesse sido introduzida às webcomics, muito provavelmente não teria a mesma relação com os quadrinhos que tenho hoje (consequentemente, o “Eu,euzinha” poderia nem ter surgido). Também gostaria de ressaltar que esta experiência já era, por si só, uma forma de me trazer para dentro das minhas produções, visto que todas essas tirinhas eram sobre o meu cotidiano.

Figura 7 — Tirinha escaneada e postada na internet



Bolígrafo em papel

Fonte: Arquivo pessoal (2016)

Sarah Andersen foi uma das primeiras artistas que passei a acompanhar pela internet. Logo conheci o trabalho de Gabriel Dantas, Revoltirinhas, Cartumante, entre muitos outros quadrinistas (brasileiros e estrangeiros) que ainda sigo e uso como referência nas minhas próprias produções. Algo que todos eles têm em comum (além de utilizarem as redes sociais como meio de publicação), é o

registro de situações reais, a presença da autobiografia e de reflexões introspectivas.

Este último é um tópico que tem se tornado cada vez mais comum na internet. Quadrinhos digitais que trazem questões sentimentais, pensamentos melancólicos e desabafos depressivos, compõem uma grande parte daquilo que me influenciou na criação do “Eu, euzinha”. Além do trabalho de Francisca Vaz e de Nagata, foi através do trabalho desses artistas que me senti inspirada a seguir um formato similar de quadrinhos e encorajada a representar meus sofrimentos através do desenho, para além de pensamentos e devaneios.

4 SAÚDE MENTAL E ARTE-CURA

Considero a saúde mental como sendo um dos principais temas de webcomics autobiográficas da atualidade. Creio que isso esteja relacionado com os movimentos de conscientização sobre depressão, ansiedade e transtornos psicológicos que surgiram no decorrer do século XXI, e também com o crescimento significativo de pessoas diagnosticadas com tais condições⁵. Os quadrinhos autobiográficos digitais que abordam essa temática são de grande importância para a conscientização do público, e também possibilitam que as pessoas se identifiquem e procurem diagnóstico e tratamento uma vez que obtêm mais alcance do que materiais impressos.

No entanto, o impacto destas obras nos consumidores não é o ponto que gostaria de trazer. Meu interesse neste momento, é de investigar e refletir sobre os aspectos que levam o artista a produzir HQs voltadas às angústias da alma. Como dito anteriormente, existe uma forte relação entre a necessidade de desabafar ou de se confessar, diante dos quadrinhos autobiográficos. Pode-se dizer então, que relatar as próprias experiências com a melancolia e transtornos mentais, pode também partir de um interesse em externalizar sentimentos e compreender a si mesmo.

Como passei grande parte de minha adolescência e vida adulta navegando na internet, consumi mais quadrinhos digitais do que físicos. Mesmo o mangá de Nagata, que se trata de uma obra impressa, conheci inicialmente através de uma versão escaneada. Nos últimos anos, especialmente durante e após a pandemia, estive muito imersa em obras que circulavam no Instagram e Facebook que falavam sobre depressão e angústias semelhantes às minhas. Estas obras foram uma forte influência no meu processo conceitual, de descobrir como falar sobre mim mesma através da arte. O perfil “quadrinhos utópicos”, no Instagram (gerenciado por Cauê Rebouças e Henrique Tavares), é um forte exemplo dos tipos de trabalho que tomei como referência durante o desenvolvimento do meu projeto artístico.

⁵ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 450 milhões de pessoas são afetadas diretamente por transtornos mentais, sendo a depressão uma das doenças mais comuns da atualidade [2022].

Figura 8 — Quadrinho Dançando no Vazio 133



Desenho digital
Fonte: Rebouças, Tavares (2023)

Figura 9 — Quadrinho Dançando no Vazio 227



Desenho digital
Fonte: Rebouças, Tavares (2024)

Esta relação de desabafar e falar da própria saúde mental através dos quadrinhos digitais, ao meu ver, está fortemente ligada ao conceito recentemente

explorado nas artes visuais conhecido como arte-cura (que por sua vez também está presente em meu projeto). Como o nome sugere, este conceito está relacionado à criação artística como meio ativo para a cura espiritual. A arte-cura se baseia em teorias psicanalíticas que estudam o poder da imagem no processo de tratamento tanto de doenças do corpo quanto doenças da mente, através da representação de signos refletidos pelo inconsciente do indivíduo.

O psiquiatra Carl Gustav Jung foi um dos primeiros teóricos a introduzir a relação das imagens com o psicológico, sendo considerado o pai da psicanálise. Jung produziu uma série de estudos que se debruçam sobre o potencial da criação artística como forma não apenas do analista de compreender o estado em que seu paciente se encontra, mas também do próprio paciente participar ativamente do seu processo de cura. O artista, dessa forma, é capaz de externalizar aspectos do seu sofrimento consciente e inconsciente através de sua produção criativa, e com isso pode analisar os signos e as representações daquilo que o aflige, a fim de melhor compreender, lidar e superar tais questões (Leopold, 2023).

Nise da Silveira, psiquiatra brasileira, foi uma importante figura transformadora no tratamento de transtornos psicológicos através da utilização da arteterapia baseada na psicanálise junguiana. Com seu trabalho antimanicomial, Nise evidenciou a eficácia da arte no processo de cura e de desenvolvimento criativo ao introduzir esta abordagem artística e afetiva com seus pacientes. Gregg M. Furth pesquisou e melhor definiu a funcionalidade e as teorias por trás da arteterapia referentes à potencialidade do artista introduzida por Jung. Furth dizia que:

Para conhecermos a nós mesmos, precisamos trazer para a consciência o que está submerso em nosso inconsciente. Nossos pensamentos inconscientes chegam até nós por meio da linguagem inconsciente dos sonhos, da pintura e dos desenhos. [...] O uso de desenhos, sonhos, fantasias, imaginação ativa ou uma combinação dessas formas de comunicação simbólica amplia a autocompreensão. Por meio da interpretação analítica dessas expressões, aprendemos a reconhecer nossas fraquezas, nossos medos e aspectos negativos, assim como nossas forças, conquistas e potenciais ainda não usados, levando-nos a um maior insight sobre quem realmente somos. (Furth, 2004. p. 48)

O conceito de arte-cura já vem sendo pesquisado e desenvolvido por artistas desde o início da arte contemporânea. Lygia Clark, por exemplo, foi uma das protagonistas deste tipo de produção curativa, e em suas teorias desenvolveu

a ideia de “corpo-bicho” como metáfora para este processo terapêutico que Furth descreveu. O corpo-bicho refere-se à essência do nosso corpo e alma, como um organismo em constante transformação. Nossas angústias e emoções nascem e crescem como participantes vivos, ou “bichos” como Lygia coloca, e quando estas crescem e atingem seu estopim, precisam ser “sacrificadas” para que novas angústias possam nascer e repetir este processo. O que Lygia descreve nesta reflexão, é a ação do artista de externalizar aquilo que já não consegue mais ser guardado dentro de si. O sacrifício é o ato de conseguir superar, lidar, compreender tais sofrimentos, abrindo espaço para um novo ciclo de cura.

Dentro de minha barriga mora um pássaro, dentro do meu peito, um leão. Esse passeia pra lá e pra cá incessantemente. A ave grasna, esperneia e é sacrificada. O ovo continua a envolvê-la, como mortalha, mas já é o começo do outro pássaro que nasce imediatamente após a morte. Nem chega a haver intervalo. É o festim da vida e da morte entrelaçadas. (Clark, 1965, p. 3)

Levando em consideração todas essas teorias da arte-cura, nota-se que o processo por trás desse conceito na arte contemporânea é semelhante, senão igual, ao processo de desenvolvimento de um quadrinho autobiográfico. As motivações são parecidas, ambos partem de uma necessidade do artista de se expressar para então processar e digerir suas angústias e se permitir seguir em frente. Se há tantas coisas em comum, por que as HQs são colocadas à margem das Artes Visuais? Ao meu ver, essa linha divisória é muito tênue, pois encontro aspectos semelhantes até na representação visual entre alguns artistas contemporâneos e quadrinistas.

Em agosto de 2024, visitei uma exposição no MASP (Museu de Arte de São Paulo) enquanto estava de viagem. Havia uma seleção de artistas contemporâneos expondo suas obras que, em sua maioria, seguiam a temática autobiográfica. Dentre os artistas presentes, o trabalho de Leonilson me chamou a atenção. A principal técnica que esteve presente em sua exposição, foi o desenho com tinta preta sobre papel branco. Alguns poucos traziam cores, mas a maioria eram em branco e preto. Desenhos com traços finos e frases escritas que dialogavam com seus sentimentos, falando sobre sua relação com a doença (Leonilson era portador de HIV), com sua sexualidade enquanto homem gay, sobre afetos, solidões, posicionamentos políticos, etc.

Figura 10 — São Paulo, a cidade que é uma roubada



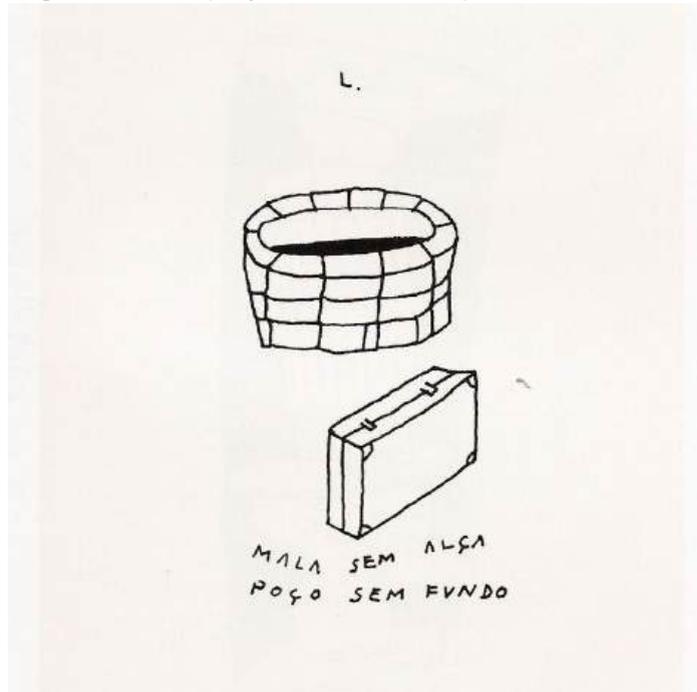
Tinta preta sobre papel, 14,7x10,3 cm
Fonte: Leonilson (1993)

Figura 11 — O grande rio



Tinta preta sobre papel, 15x22 cm
Fonte: Leonilson (1990)

Figura 12 — Suplicy e Maluf formam par de vasos



Tinta preta sobre papel, 15,5x10,5 cm

Fonte: Leonilson (1992)

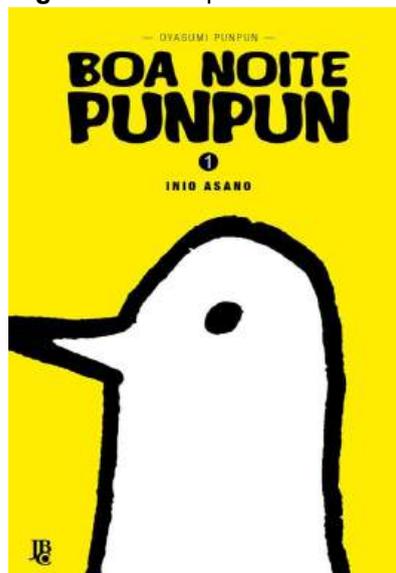
O formato de seus desenhos muito se assemelha aos quadrinhos digitais que mencionei anteriormente, e por consequência, se aproxima muito do meu projeto *Eu, euzinha*. Veja bem, Leonilson foi um artista contemporâneo, e mesmo tendo um trabalho muito parecido visualmente com os do perfil “quadrinhos utópicos”, por exemplo, as HQs ainda permanecem num local afastado das pesquisas em Artes Visuais. Eu acredito que estão muito mais próximas do que parecem, e que os quadrinhos podem, e conseguem, se mesclar com as teorias de arte contemporânea. As obras de Leonilson, os quadrinhos que mencionei, e meu próprio trabalho artístico são uma evidência disso à partir do momento em que se conectam através da técnica (desenho), temática (autobiografia) e conceito (arte-cura).

5 EU, EUZINHA

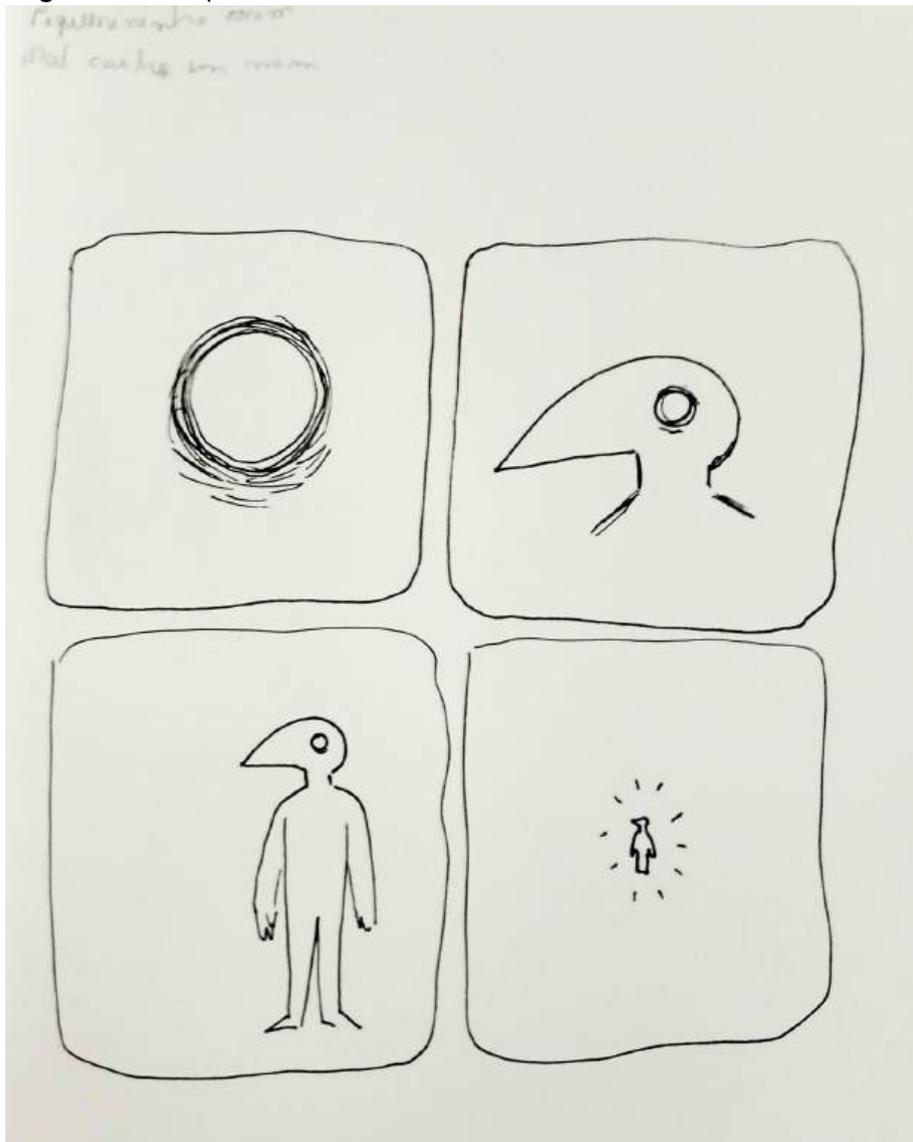
Como dito nos capítulos anteriores, a grande maioria das minhas referências artísticas vieram das ilustrações e, principalmente, das tirinhas autobiográficas. Os desenhos de Francisca Vaz, combinados com a teoria de Kristeva, abriram minha mente para a potencialidade dos pensamentos espontâneos e sentimentos como conteúdo artístico, enquanto as HQs digitais influenciaram no desenvolvimento de um estilo próprio para este projeto. É através deste contexto que o “Eu, euzinha” surge, ou melhor, nasce. Utilizo esta palavra pois não é um trabalho que aparece do vazio, mas que amadurece e se desenvolve com tempo, para enfim ganhar vida.

Baseado nisso, as experimentações se iniciaram em um processo que levou cerca de alguns meses no decorrer de 2023. Seguindo a ideia de criar um personagem que me representasse, mas que visualmente não se parecesse comigo (assim como no mangá de Nagata), inventei um ser humanoide, que lembra uma mistura de pássaro com a máscara utilizada por médicos durante a epidemia de peste negra na Europa. Não cheguei a usar ativamente referências durante a criação, mas acredito ter puxado forte inspiração dos personagens “Excalibur” do anime Soul Eater (2008), e “Punpun” do mangá Boa Noite, Punpun (2007).

Figura 13 — Capa vol. 1 de Punpun ed. brasileira



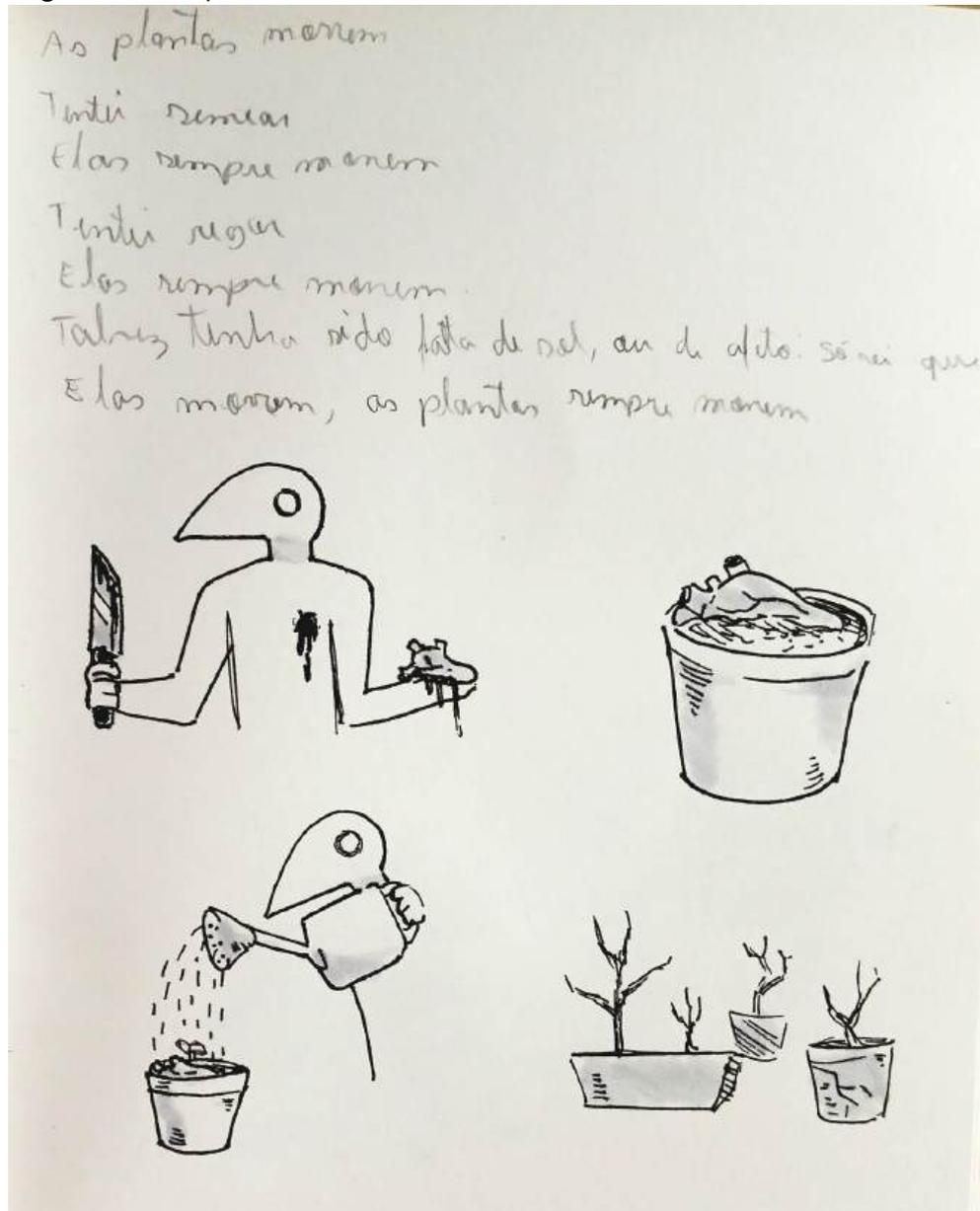
Fonte: Asano (2018)

Figura 14 — Experimento 1

Bolígrafo sobre papel
Fonte: Arquivo pessoal (2023)

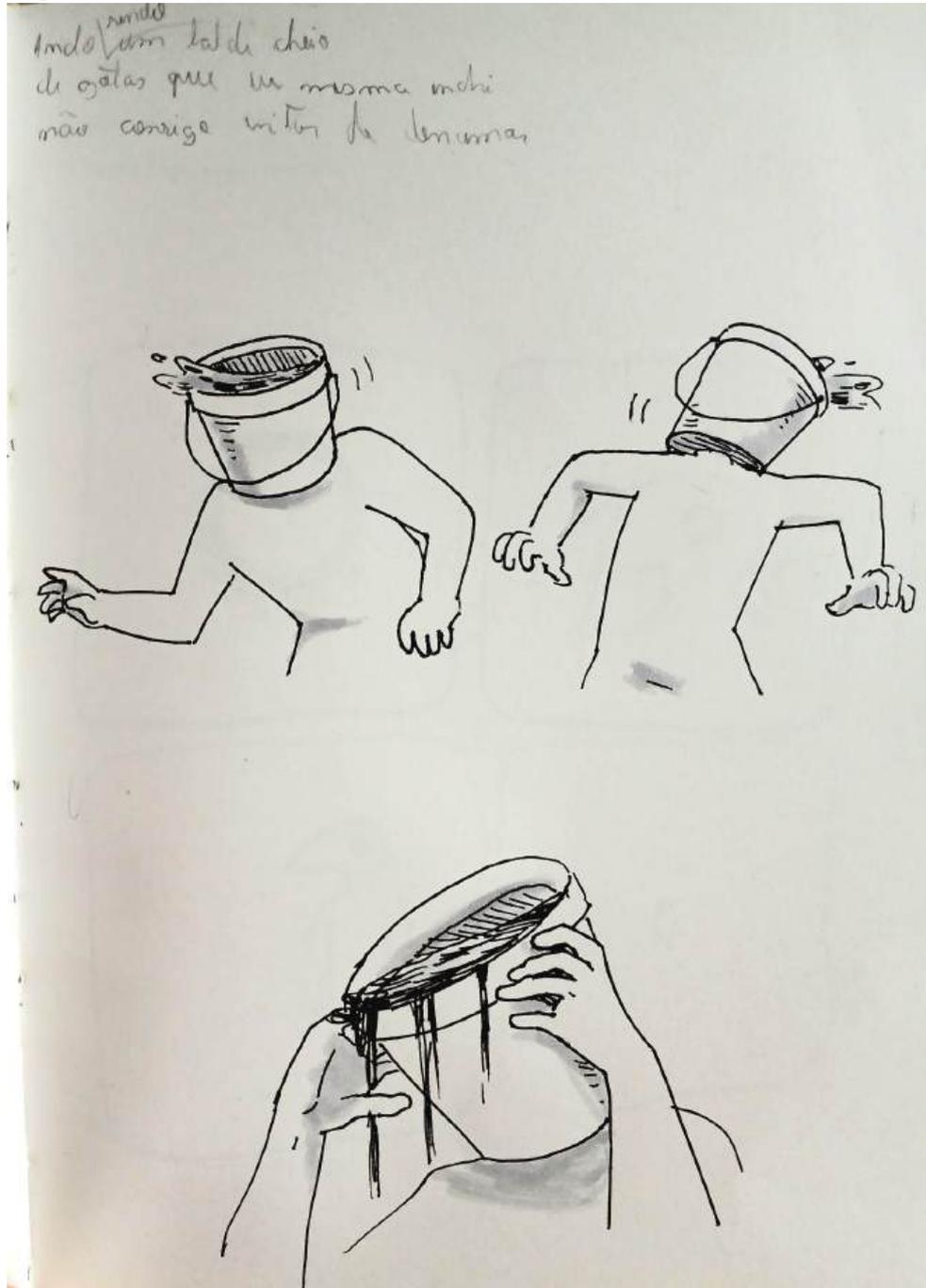
Comecei a desenhar este personagem no meu caderno de desenhos, durante as aulas ou em casa, em momentos nos quais eu sentia vontade ou que algum pensamento me viesse à cabeça. Estes primeiros desenhos seguiram um formato mais clássico de tirinhas, divididos em 4 painéis sem nenhum balão de fala ou narração. Posteriormente, passei a fazer desenhos avulsos do personagem neste mesmo caderno, sempre seguindo o padrão de cores branco e preto. Vez ou outra, chegava a escrever algumas poesias que expressassem meus sentimentos, acompanhadas de algum desenho do meu personagem que fizesse ligação com o texto, mas logo senti que estava me distanciando daquilo que eu tinha mais afinidade e deixei as poesias de lado.

Figura 15 — Experimento 2



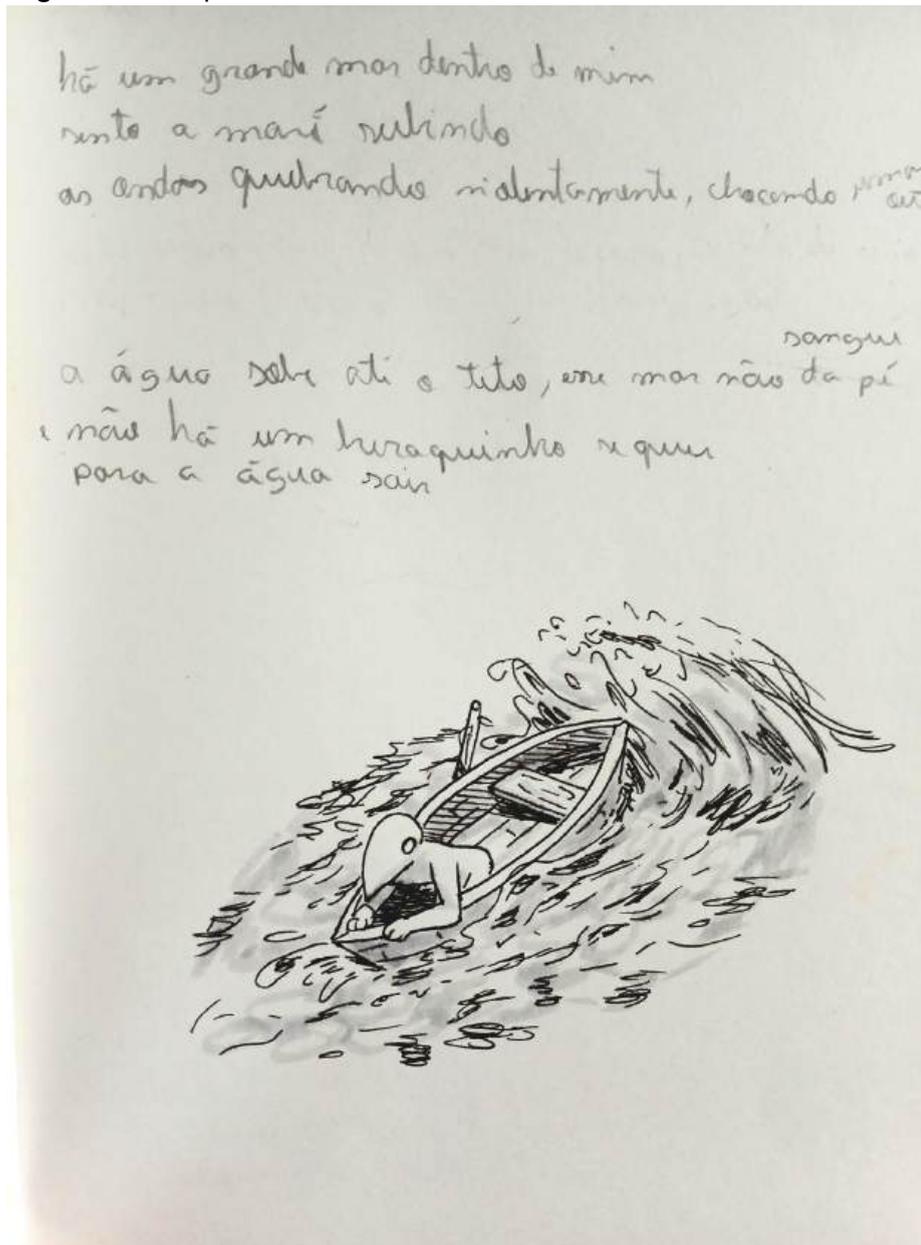
Bolígrafo e marcadores sobre papel
Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 16 — Experimento 3



Bolígrafo e marcadores sobre papel
Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 17 — Experimento 4



Bolígrafo e marcadores sobre papel
Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Como eu havia gostado da praticidade de poder desenhar sempre que me desse vontade, independente do ambiente, resolvi que estava na hora de dedicar um caderno especificamente para esta produção ao invés de continuá-lo no meu caderno de desenhos (que por sinal era muito grande para ser transportado com facilidade). Logo comprei um bloco de notas sem pautas, de 12,5cm x 11cm, com folhas brancas de 90g. Gostaria de ter pego um que fosse preto ou branco, mas no momento da compra só haviam cadernos estampados. No entanto, não me

importei tanto quanto a isso. O que mais me interessava era sua funcionalidade e quanto tempo levaria para eu preencher todas as suas 70 folhas.

Os desenhos começaram a ser feitos a partir do segundo semestre de 2023, utilizando caneta bolígrafo preta e marcadores cinza. A ideia não era de desenhar todos os dias, mas sempre que eu tivesse vontade ou sentisse necessidade, fosse de expressar um sentimento ou um pensamento. Havia dias em que eu desenhava 4 páginas de uma vez, e dias em que eu não desenhava nada, tanto em casa quanto fora. Meu plano inicial era de finalizar o caderno até dezembro do mesmo ano, mas por diversos motivos foi concluído no início de 2024.

Figura 18 — Fotografia capa do caderno



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Os desenhos feitos nele, em sua maioria, são do personagem que eu criei para me representar, mas nem todos são com este personagem (e em alguns, eu me represento de outras formas). São, em geral, ilustrações simples com sombreados feitos com marcadores e hachuras. Muitas delas acompanham frases e, apesar de alguns desenhos terem continuidade (seguindo uma sequência de algumas laudas), a maioria se conclui em uma única página. Os desenhos falam sobre todo tipo de coisa relacionado a mim: situações que me ocorreram, sentimentos que eu tive no momento e precisava expressar, lembranças, etc. São desenhos íntimos e que em sua maioria representam minhas emoções. No total,

somam 67 ilustrações finalizadas (algumas páginas foram descartadas no processo), além de um desenho feito na contracapa traseira.

Por se tratar de um trabalho íntimo que surge, a princípio, centrado em mim, achei pertinente que o nome do projeto representasse justamente a alma do conceito que ele carrega. Se o caderno fala sobre o meu “eu”, e portanto estou completamente inserida nele, “Eu, euzinha” parecia fazer sentido, além de ser um tanto quanto divertido. Dessa forma, eu considero este caderno como sendo um objeto de desabafo, e que mesmo às vezes tendo vergonha de mostrá-lo, gosto de ver como as pessoas reagem e, muitas vezes, se identificam com seu conteúdo. Acredito que esta parte seja muito interessante de mencionar, pois por mais que inicialmente seja algo sobre minha subjetividade, a partir do momento em que apresento estes desenhos ao mundo, torna-se uma experiência coletiva. Cada pessoa pode interpretá-los de acordo com suas próprias subjetividades, ampliando assim os significados que cada desenho carrega em si.

Figura 19 — Eu, euzinha I



Bolígrafo e marcadores sobre papel, 12,5cm x 11cm

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 20 — Eu, euzinha II



Bolígrafo e marcadores sobre papel, 12,5cm x 11cm
Fonte: Arquivo pessoal (2023)

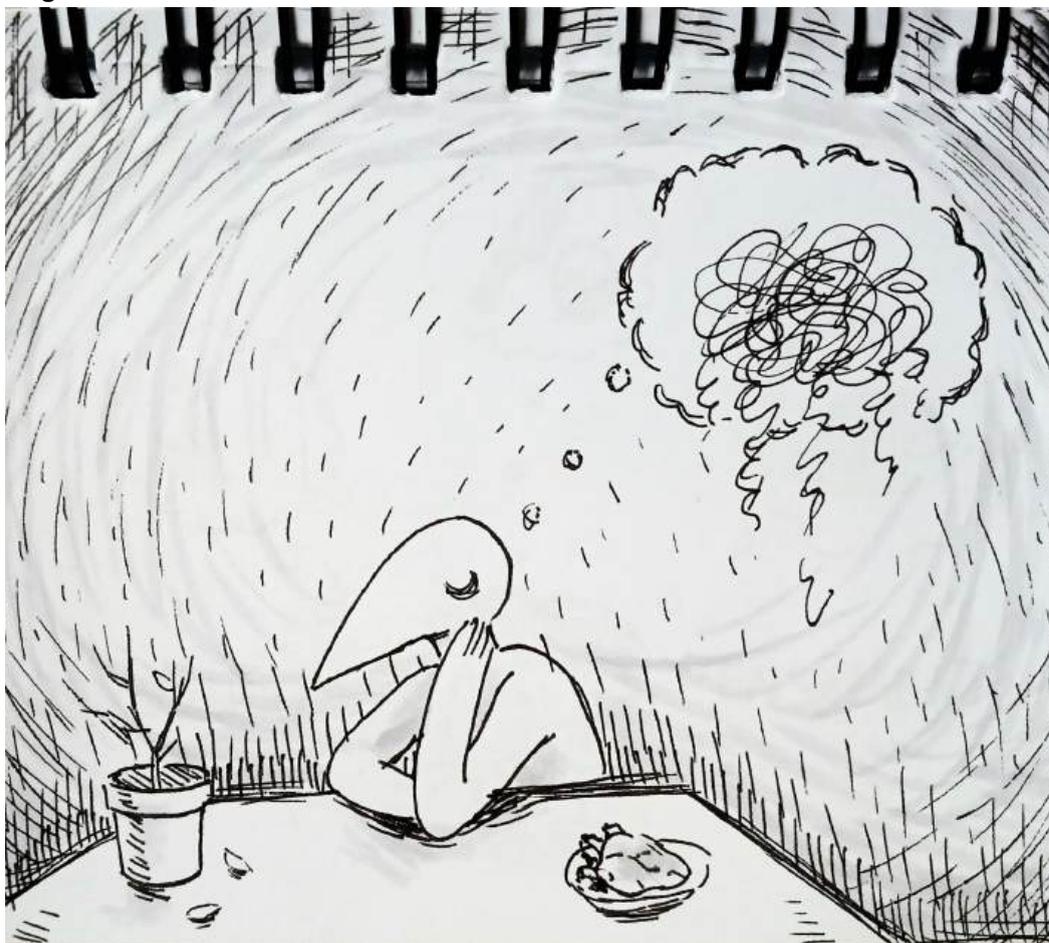
O processo de criação de cada desenho é muito particular ao momento em que estou e meu estado emocional durante a execução. Quando me encontro aflita, angustiada, depressiva, costumo encher de hachuras e sombras mais dramáticas que dialoguem com a sensação de sufoco, de opressão e de tensão que o sentimento carrega. Quando me encontro ansiosa, ou quando meu corpo passa a manifestar fisicamente o que estava ocorrendo em minha mente, recorro a linhas trêmulas que simulam movimento, atividade, caos. Desenhos que nascem de devaneios e sentimentos leves, costumam trazer sombras suaves, linguagem um pouco mais cômica e, de vez em quando, cores.

Os personagens, cenários ou objetos que compõem cada desenho, também vão de acordo com o momento. Não passo muito tempo planejando, e acho até difícil de explicar o processo criativo por trás das composições. É muito

espontâneo, geralmente o pensamento ou sentimento que me afeta já vem associado a representações visuais e signos. Quando retrato a minha relação com a terapia, quase sempre está associada à figura de um espelho. A presença do coração fora do corpo, ou a ausência dele no peito do personagem, comumente reflete à melancolia, ao sentimento de angústia, de desamparo e de descontrole. O pássaro, muitas vezes, indica os devaneios, pensamentos soltos e reflexões, como se fosse minha voz interior.

Também consigo apontar um padrão relacionado aos sentimentos que estiveram presentes no momento de desenhar. Por muitas vezes, é difícil colocar em palavras, descrever as sensações, desembaraçar a linha de pensamento. Frequentemente sofro, inclusive, com a dificuldade de identificar emoções, especialmente quando estas estão misturadas, embaçadas, transbordando. Quando é assim, acaba sendo mais fácil representar visualmente, e apenas através de imagens, aquilo que está se passando em minha cabeça.

Figura 21 — Eu, euzinha III



Bolígrafo e marcadores sobre papel, 12,5cm x 11cm
Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 22 — Eu, euzinha IV



Bolígrafo e marcadores sobre papel, 12,5cm x 11cm
Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Quando os sentimentos estão mais claros, quando consigo traçar a origem, os acontecimentos que me levaram à necessidade de desabafar, ou quando se trata de pensamentos verbais, recorro à escrita acompanhada do desenho. As palavras, por vez, colaboram com a compreensão, me estimulando a refletir mais sobre as questões trazidas, facilitando minha chegada em uma conclusão. Assim, me permito processar e digerir, visualizando de uma forma mais compreensível aquilo que não conseguiria ser visto se ficasse apenas dentro de mim. Este é o processo de cura que relaciono ao meu trabalho, e é neste exercício de externalizar para enfim elucidar que enxergo a presença e o papel da “escrita de si”.

Certo dia me perguntaram o porquê de alguns dos desenhos possuírem frases que reforçam o conteúdo ilustrado, e de alguns terem continuidade. Eu acredito que isso (para além de compreender melhor meus sentimentos ao vê-los escritos) vem muito das histórias em quadrinhos que consumi. Além disso, alguns

dos desenhos apresentam balões de fala e painéis, evidenciando ainda mais estas referências visuais. Sempre foi um tipo de linguagem que me identifiquei, e mantenho interesse em realizar projetos seguindo um modelo tradicional de HQ, com roteiro e constância.

Apesar do “Eu, euzinha” não seguir um formato tradicional, eu diria que ele se encaixa como uma espécie de coletânea de painéis únicos, onde não seguem uma narrativa linear, mas todos se complementam. Não os considero uma história em quadrinhos, mas noto tais influências no meu formato de desenho. Ao mesmo tempo, também noto muitas similaridades com o trabalho de Leonilson, tornando este trabalho uma espécie de ponte que mescla aspectos que absorvi das HQs com a arte contemporânea, mostrando que ambos podem se misturar.

É importante mencionar também que este trabalho artístico se tornou um projeto digital, pois inspirado nos quadrinhos de artistas que operam exclusivamente nas redes sociais, criei um Instagram (@eueuzinhaarts) dedicado unicamente à postagem de fotos dos desenhos do caderno, além de um e-book que poderá ser impresso futuramente⁶. Na internet, procuro manter o formato quadrado das páginas para que a experiência ao vê-los virtualmente não seja tão discrepante em relação à experiência física.

Devo dizer que, apesar de ter preenchido este primeiro caderno, o “Eu, euzinha” é um projeto contínuo, sem um período estimado de conclusão. No exato momento em que escrevo este texto, estou com outro bloco de notas no mesmo formato do anterior (com exceção que, desta vez, possui a capa preta), ilustrando minhas experiências com medicamentos e inclusive os sentimentos que foram evocados ao escrever este TCC nos últimos meses. Planejo seguir em frente com o projeto, desenhando à medida que eu estiver disposta, até que chegue o momento de parar ou transformá-lo em outra coisa.

⁶ O e-book pode ser acessado pelo link presente na biografia do perfil oficial no Instagram.

Figura 23 — Eu, euzinha V



Bolígrafo e marcadores sobre papel, 12,5cm x 11cm
Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 24 — Eu, euzinha VI



Bolígrafo e marcadores sobre papel, 12,5cm x 11cm
Fonte: Arquivo pessoal (2023)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendo meu processo artístico como uma trajetória com altos e baixos, que reflete diretamente meu amadurecimento e minhas experiências pessoais no decorrer da minha graduação. De início, vivo uma desilusão, uma rejeição àquilo que eu conhecia como arte. Me sentindo uma farsa, uma não-artista, questiono meus conhecimentos e habilidades, acreditando que nunca poderia conciliar o tipo de linguagem com a qual me identifico, com as Artes Visuais. Em seguida, passo por um longo processo de descoberta à procura da artista que eu almejava ser e que era esperado de mim através das lentes da arte contemporânea. Experimento técnicas, desenvolvo meus conceitos e estudo referências em busca de uma resolução. Por fim, me reencontro com os desenhos, descobrindo o potencial do tipo de produção que eu havia deixado de lado, e compreendendo que pode também ser vinculado às Artes Visuais. Resgato a artista dentro de mim e percebo que esta sempre esteve presente, nunca foi uma farsa, e assim posso me posicionar de forma crítica e fundamentada perante o sistema de arte, e continuar em constante evolução filosófica e artística.

As HQs, o trabalho de colegas, o envolvimento com a escrita incorporada e leitura de teorias que vivenciei durante as disciplinas da universidade (e mesmo os experimentos com diferentes técnicas e formas de se produzir, que a princípio se apresentaram como um obstáculo), foram fundamentais e principalmente, proveitosos. Foi graças a tudo isso que pude amadurecer, me conhecer e abrir as portas para diferentes possibilidades. Talvez eu não teria me dado a chance de desabafar e compartilhar experiências através da arte, se não fosse por essa necessidade de construir um conceito e encontrar minha poética no decorrer do curso. Meu projeto artístico elucida uma grande troca e construção de conhecimentos, que reúne a “escrita de si”, a arte-cura e os quadrinhos autobiográficos em um apanhado estético que reflete minha alma ao mundo, permitindo que afete outras pessoas também.

Como foi possível observar, apesar das Artes Visuais serem excludentes para com as visualidades que não se enquadram no sistema de arte contemporânea, é mais do que possível associar as histórias em quadrinhos às teorias e conceitos pesquisados e discutidos nesta vasta área. As HQs autobiográficas possuem uma longa trajetória histórica, política e social,

relacionando-se com as questões inerentes às dores da alma, como um meio de desabafar e se confessar diante de suas aflições, desafiando tabus e moralidades. A arte-cura, por sua vez, trata-se de um conceito contemporâneo que relaciona as potencialidades da criação artística como meio de se compreender e através disso se curar.

Dessa forma, acredito que a relação que este conceito estabelece com as HQs é coerente e direta. Ambos partem de um mesmo princípio e partilham do mesmo processo: sentir, expressar, compreender, curar. Com isso estabelecido, pude compreender que meu projeto artístico é uma evidência de que os quadrinhos são também Artes Visuais, uma vez que é construído a partir do meu contato com ambos os universos. É como um tipo de ponte que os conecta, que promove este encontro. Gostaria de ressaltar que essa colocação não parte do pressuposto de que os quadrinhos são incapazes de, por conta própria, estabelecer tais relações (até porque, partindo de outros departamentos, existem pesquisas acadêmicas que as faça), mas sim por reconhecer a deficiência especificamente das Artes Visuais em explorar outros tipos de visualidades. Como sendo uma pesquisadora desta área de conhecimento, me responsabilizo e me comprometo com essa iniciativa.

Concluo esta pesquisa com um ar esperançoso, num anseio que reflete meus esforços e minha trajetória. Espero contribuir com uma possível ampliação dos campos de pesquisa nas Artes Visuais, promovendo este diálogo com outros ramos, como os quadrinhos. Gostaria de ver, futuramente, uma maior quantia de estudos e trabalhos que teçam estas relações, e que evidenciem outras formas de criar que se encontram (e são colocadas) à margem do sistema de arte contemporânea.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Sarah. **Sem Título**. 2024. Desenho digital. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=986692789491323&set=pb.100044518325985.-2207520000&type=3> Acesso em: 18 out. 2024.

ASANO, Inio. **Boa noite Punpun**. São Paulo: JBC, 2018. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Boa-Noite-Punpun-Inio-Asano/dp/8545709617> Acesso em: 28 out. 2024.

CLARK, Lygia. **Só agora tenho necessidade de tomar notas [Diário 2]**. Rio de Janeiro: [S.n.], 1995, p. 3. Disponível em: <https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/65304/so-agora-tenho-necessidade-de-tomar-notas-diario-2#:~:text=Quantos%20seres%20sou%20eu%20para,secreto%20dentro%20do%20meu%20eu%3F> Acesso em: 10 out. 2024.

CONTI, André. Vidas em prol da ficção. Entrevistador: Carol Almeida. **PERNAMBUCO** - Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco n. 45, Recife. nov. 2009. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/acervo/edições-anteriores/69-2009.html> Acesso em: 06 out. 2024.

COUTINHO, Marcelo. **Isso: entre o acontecimento e o relato**. 2011. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Instituto de Artes - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. *In*: MOTTA, Manoel Barros da. **Ética, Sexualidade, Política**. Tradução: Elisa Monteiro, Inês Aufran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: FORENSE UNIVERSITÁRIA, 2004, p. 144-162. Disponível em: https://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-A_escrita_de_si.pdf Acesso em: 18 out. 2024

FURTH, Gregg M. **O Mundo Secreto dos Desenhos**, uma abordagem junguiana da cura pela arte. Tradutor: Gustavo Gerheim. São Paulo: Paulus, 2018.

GARCIA, Santiago. **A novela gráfica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

IBGE. **92,5% domicílios tinham acesso à Internet no Brasil**. [S.l.], [S.n.], 2023. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao.html> Acesso em: 06 out. 2024.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro, depressão e melancolia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

KUNKA, Andrew J. **Bloomsbury Comics Studies: Autobiographical Comics**. Nova Iorque: Bloomsbury Publishing Plc, 2018.

LEONILSON, José. **Suplicy e Maluf formam par de vasos**. 1992. Tinta preta sobre papel. 15,5x10,5 cm . Disponível em:
<https://br.pinterest.com/pin/322711129556971235/> Acesso em: 10 out. 2024.

LEONILSON, José. **O Grande Rio**. 1990. Tinta preta sobre papel. 15x22 cm. Disponível em:
http://iberecamargo.org.br/wp-content/uploads/2018/10/catalogo_leonilson-sob-o-peso-dos-meus-amores.pdf Acesso em: 10 out. 2024.

LEONILSON, José. **São Paulo, a cidade que é uma roubada**. 1993. Tinta preta sobre papel. 14,7x10,3 cm. Disponível em:
http://iberecamargo.org.br/wp-content/uploads/2018/10/catalogo_leonilson-sob-o-peso-dos-meus-amores.pdf Acesso em: 10 out. 2024.

LEOPOLD, Adriana. **A arteterapia de abordagem junguiana**. Instituto Freedom. [S.l.], [S.n.] 2023. Disponível em:
<https://institutofreedom.com.br/blog/a-arteterapia-de-abordagem-junguiana/> Acesso em: 12 out. 2024

LOTUFO, Augusto Cesar, SMARRA, André Luís Soares, SILVA, Luciano Filizola da, GOMES, Nataniel dos Santos. **As aventuras de Nhô Quim: O Marco Histórico dos Quadrinhos no Mundo**. 9ª Arte, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 15-41, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/view/153373>. Acesso em: 06 set 2024.

LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena; CELESTINO, Juliana Braga. Quadrinhos autobiográficos: diferenças de gêneros e as apresentações de si. **Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**. v. 7, n. 2, p. 311-332, 6 mar. 2015. Disponível em:
<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/5661> Acesso em: 06 out. 2024.

LUYTEN, Sônia Maria Bibe. **O que é história em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MALLET, Thiago. **Os quadrinhos e a internet: aspectos e experiências híbridas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Belas Artes - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009. Disponível em:
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/JSSS-7Z6EKT> Acesso em: 06 out. 2024.

NAGATA, Kabi. **Minha Experiência Lésbica com a Solidão**. São Paulo: NewPOP, 2019.

OMS. **Transtornos Mentais**. [S.l.], [S.n.], [2022]. Disponível em:
<https://www.paho.org/pt/topicos/transtornos-mentais> Acesso em: 07 out. 2024.

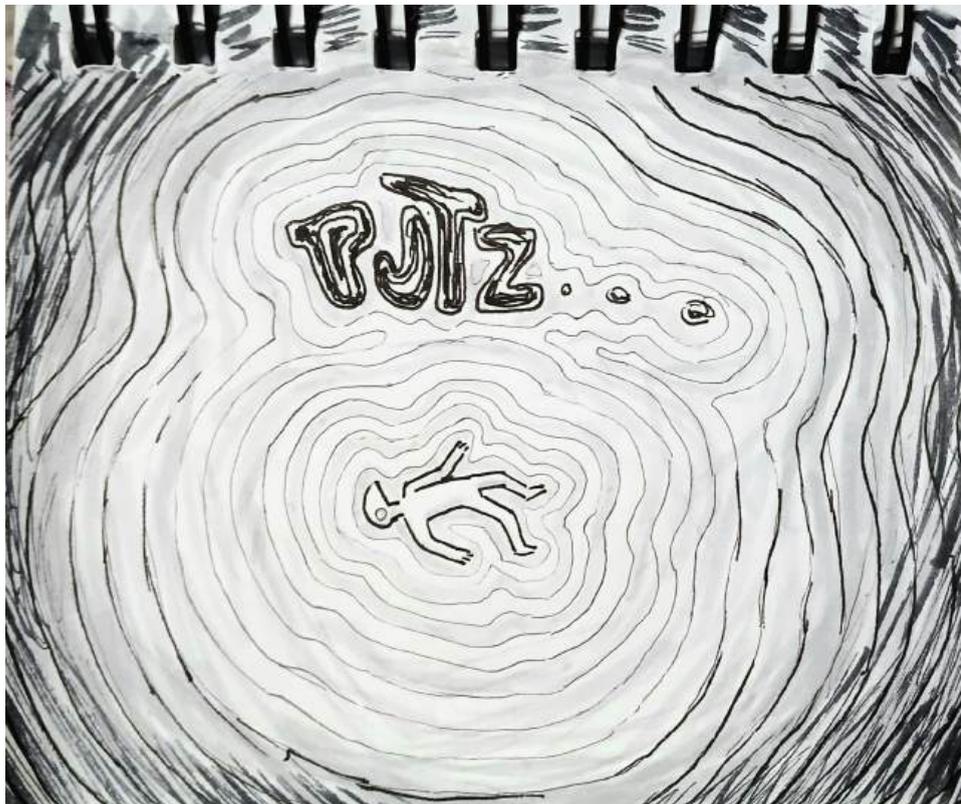
REBOUÇAS, Cauê. TAVARES, Henrique. **Quadrinho Dançando no Vazio 133**. Desenho digital, 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CxB2ikJuFFV/> Acesso em: 10 out. 2024.

REBOUÇAS, Cauê. TAVARES, Henrique. **Quadrinho Dançando no Vazio 227**. Desenho digital, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7Zgx9Tuq-t/> Acesso em: 10 out. 2024.

SAMPAIO, Lucas Marques. **A narrativa da confissão: Uma análise dos quadrinhos Autobiográficos**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Artes Visuais) - Instituto de Artes - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/7408> Acesso em: 17 out. 2024.

APÊNDICE A — Eu, euzinha

Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



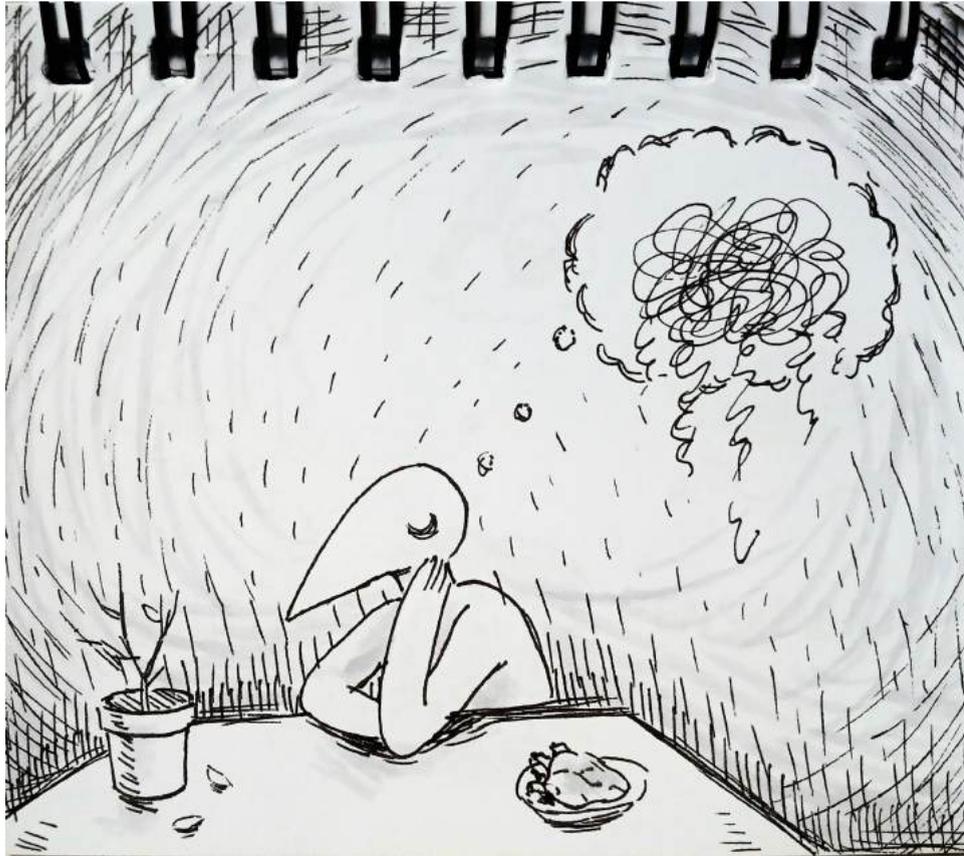
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



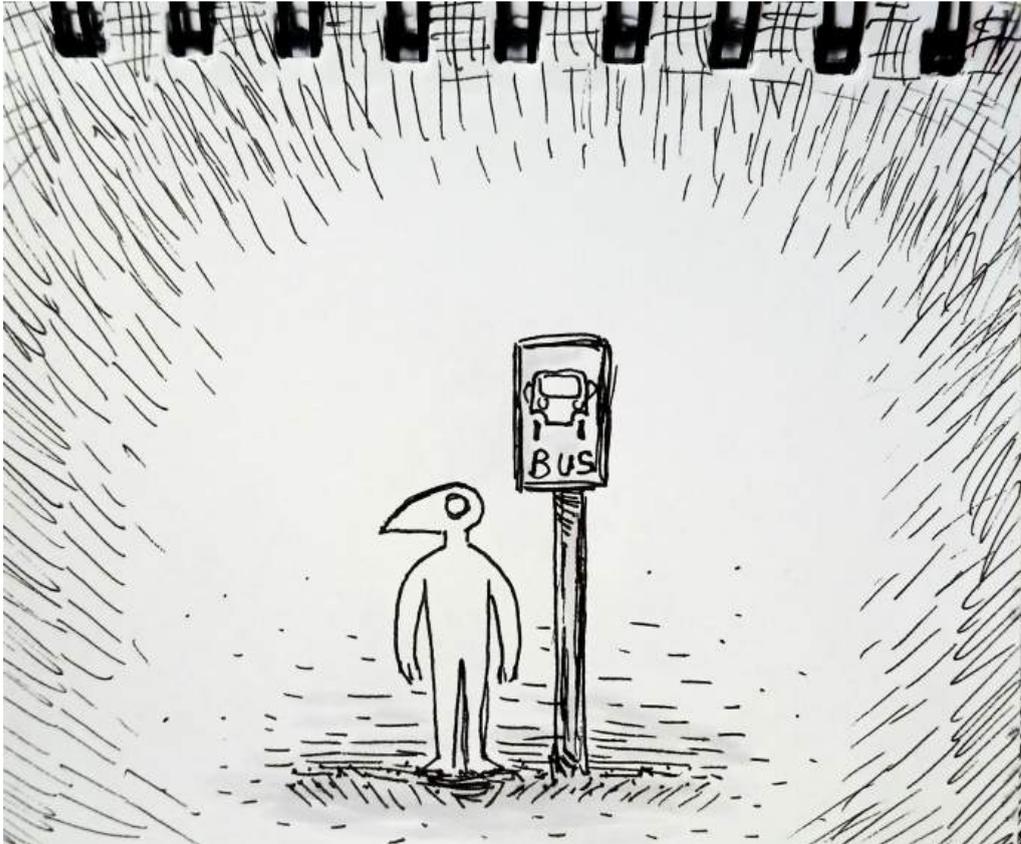
Fonte: Arquivo pessoal



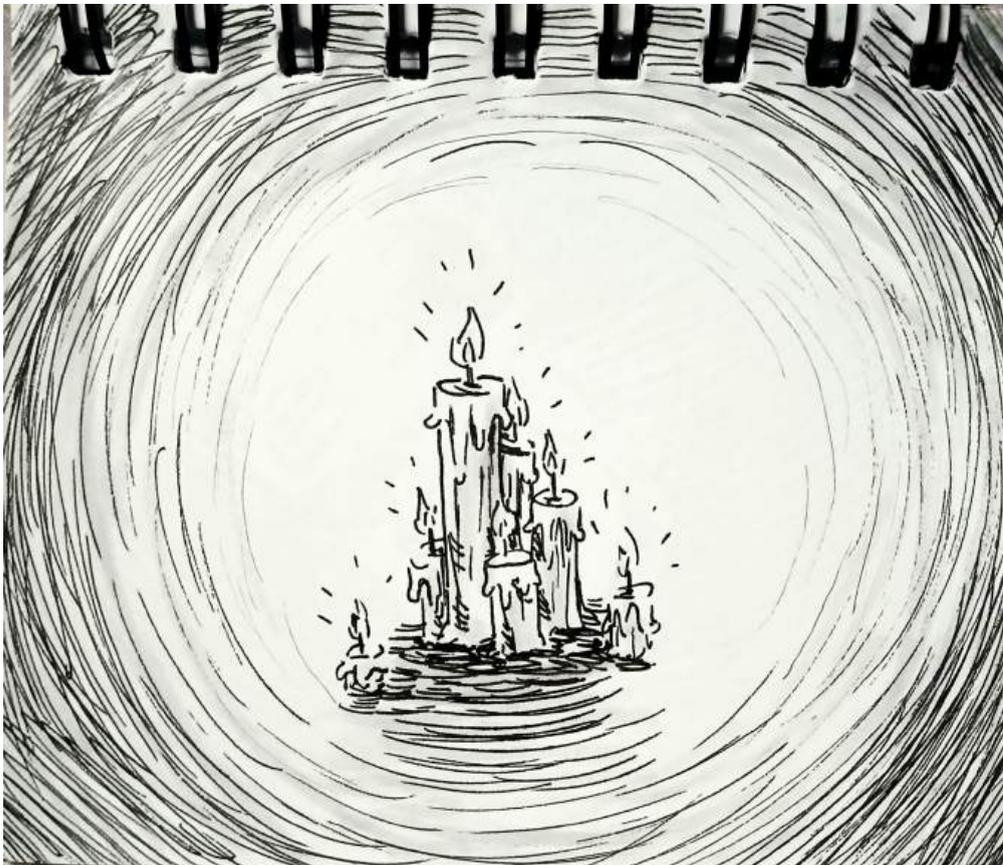
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



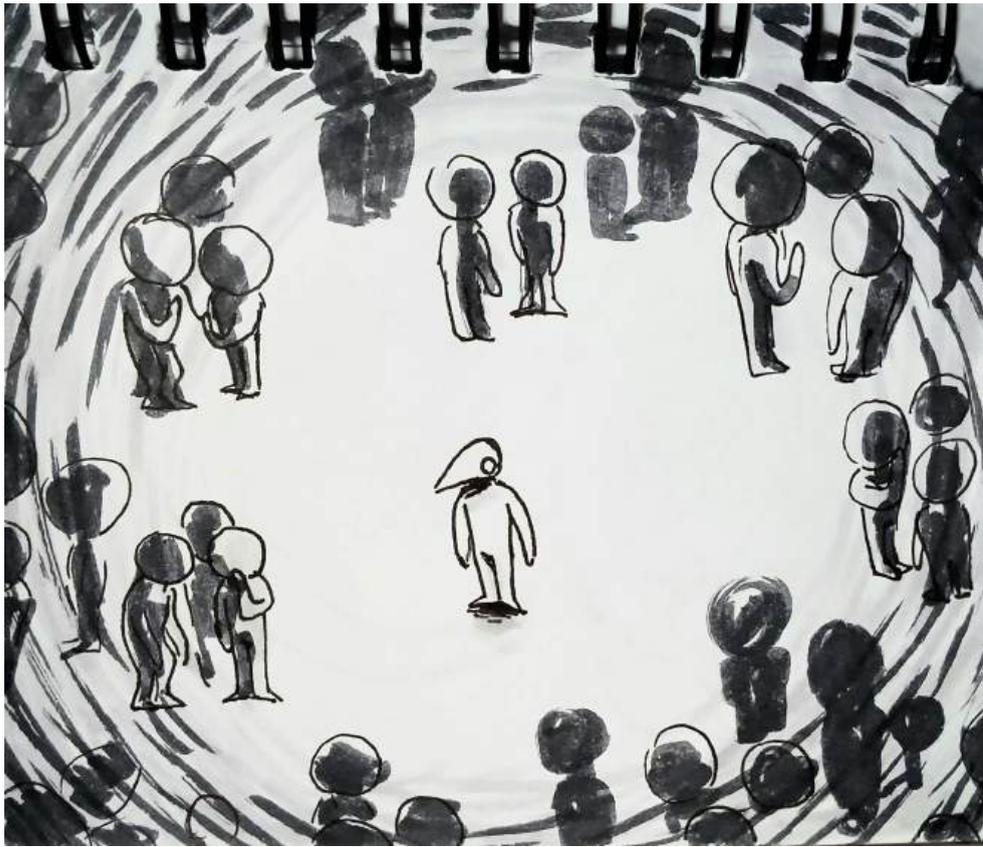
Fonte: Arquivo pessoal



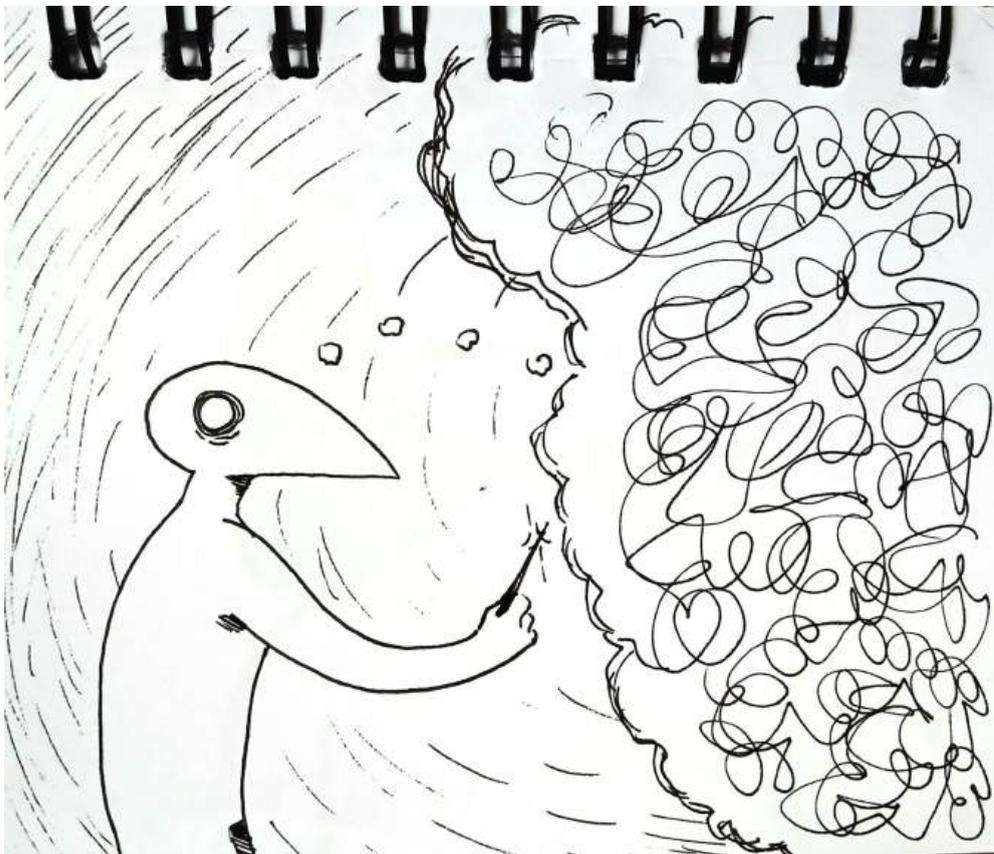
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



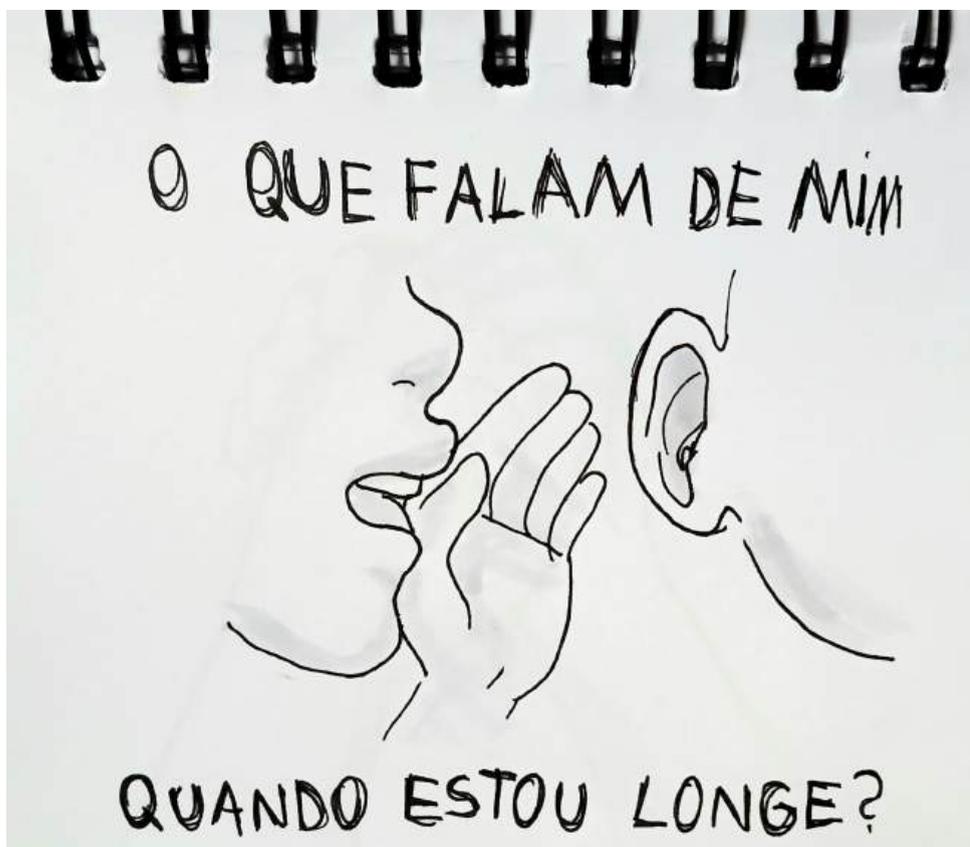
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



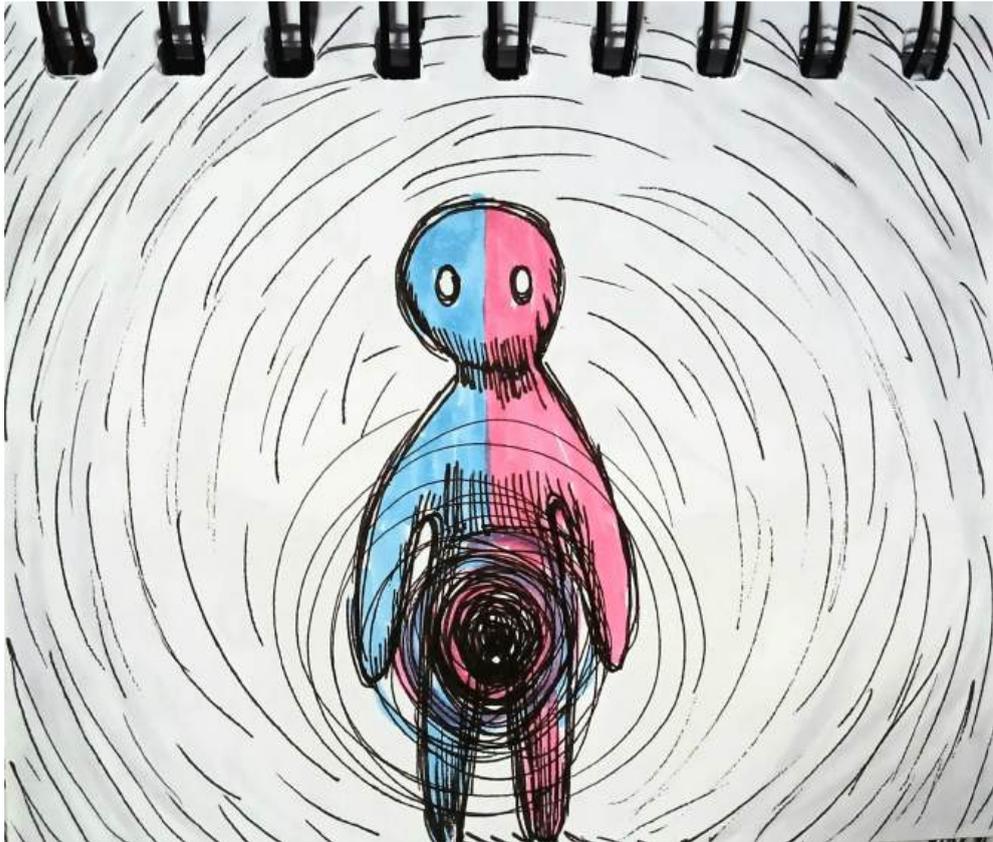
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



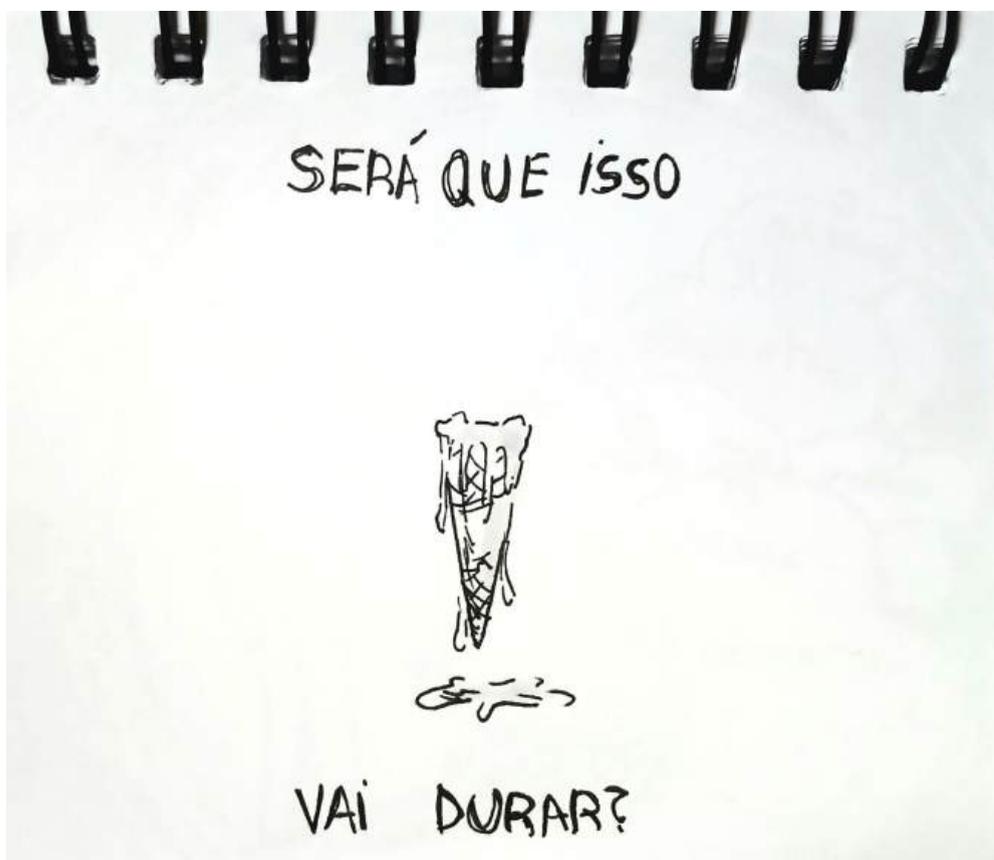
Fonte: Arquivo pessoal



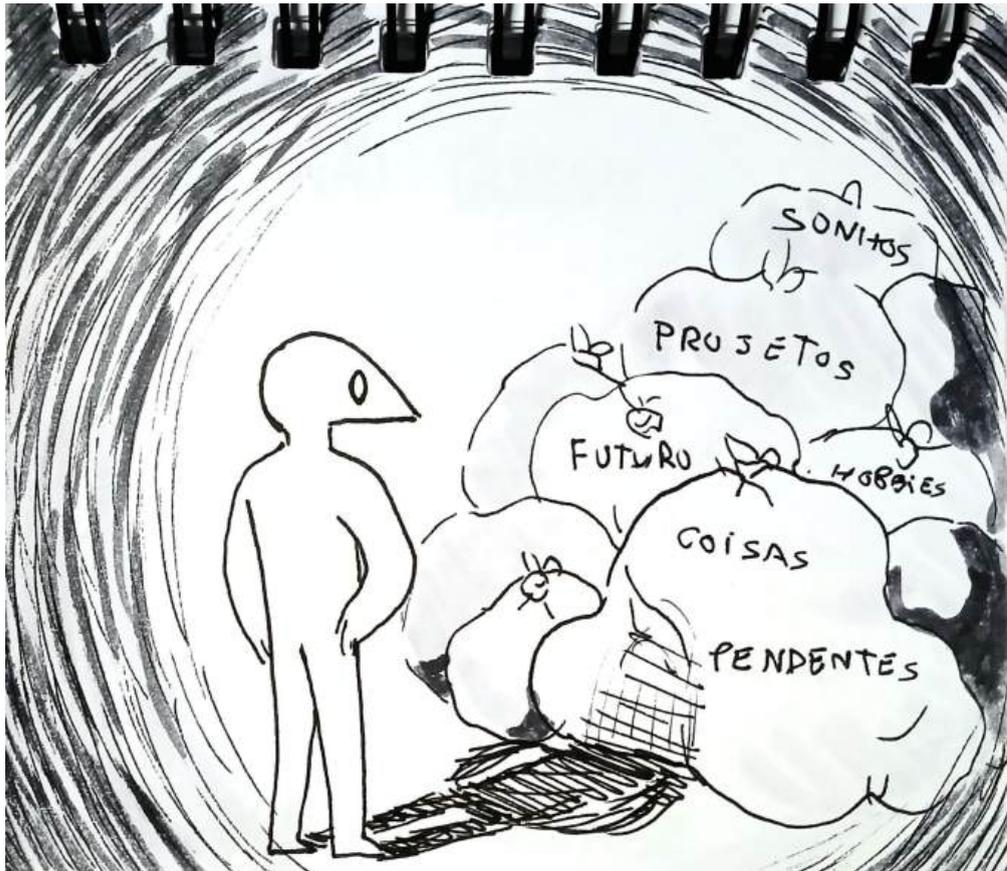
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



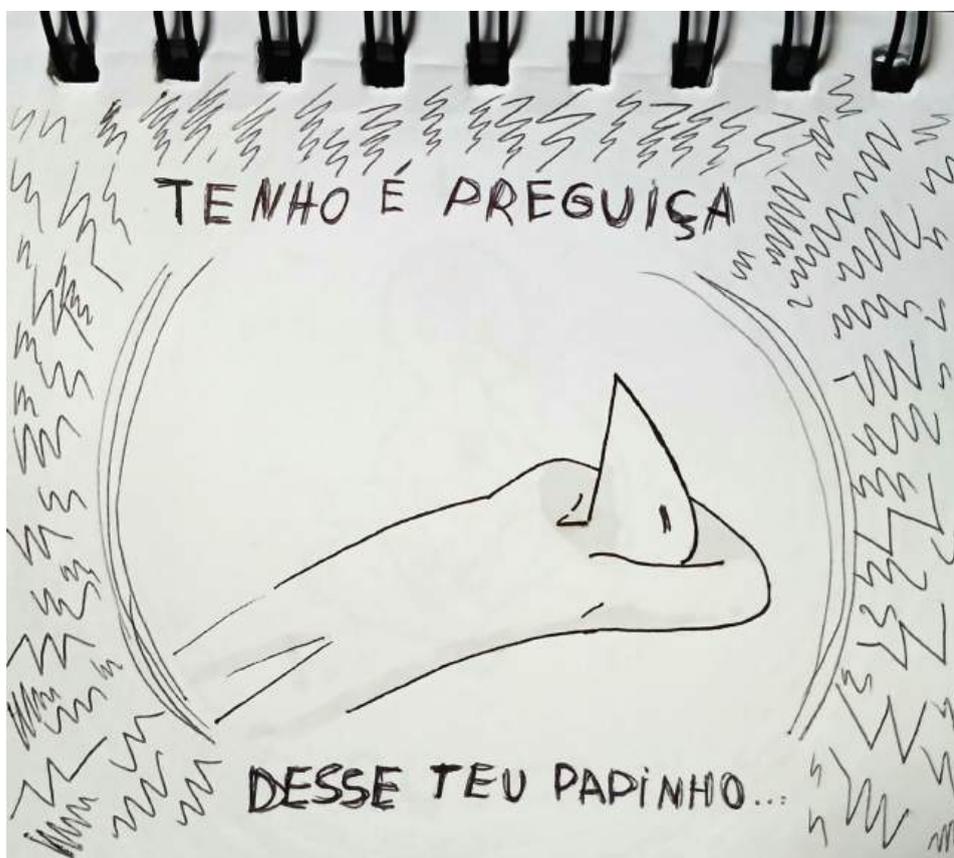
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



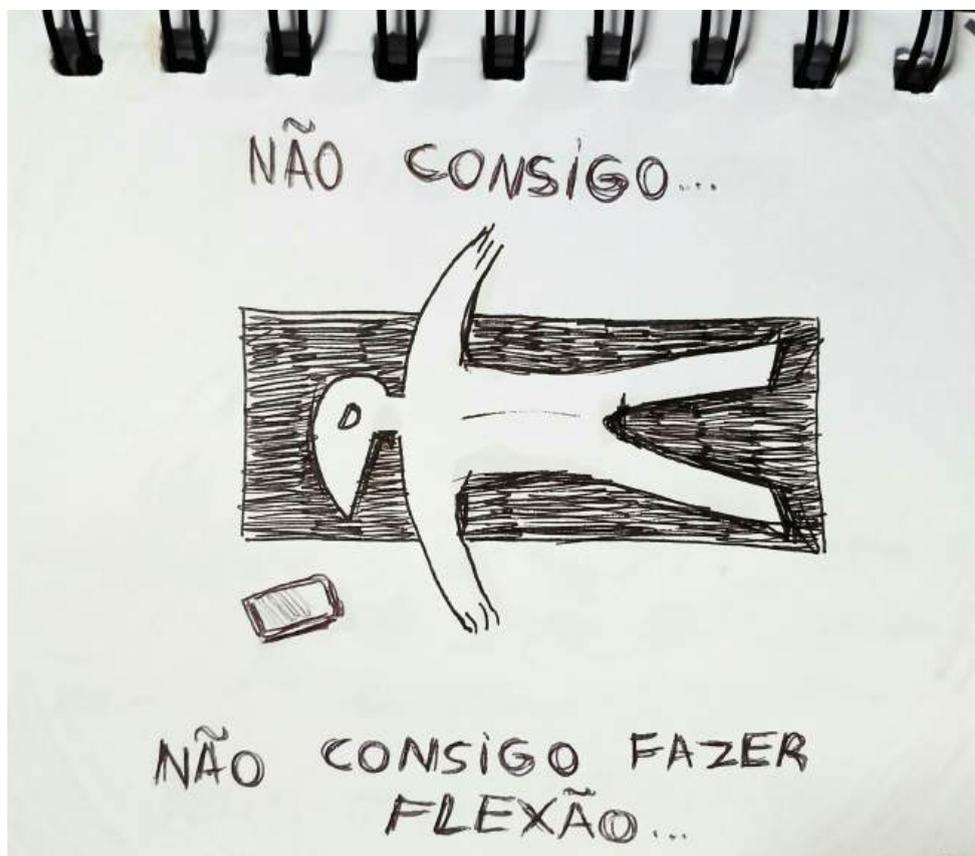
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



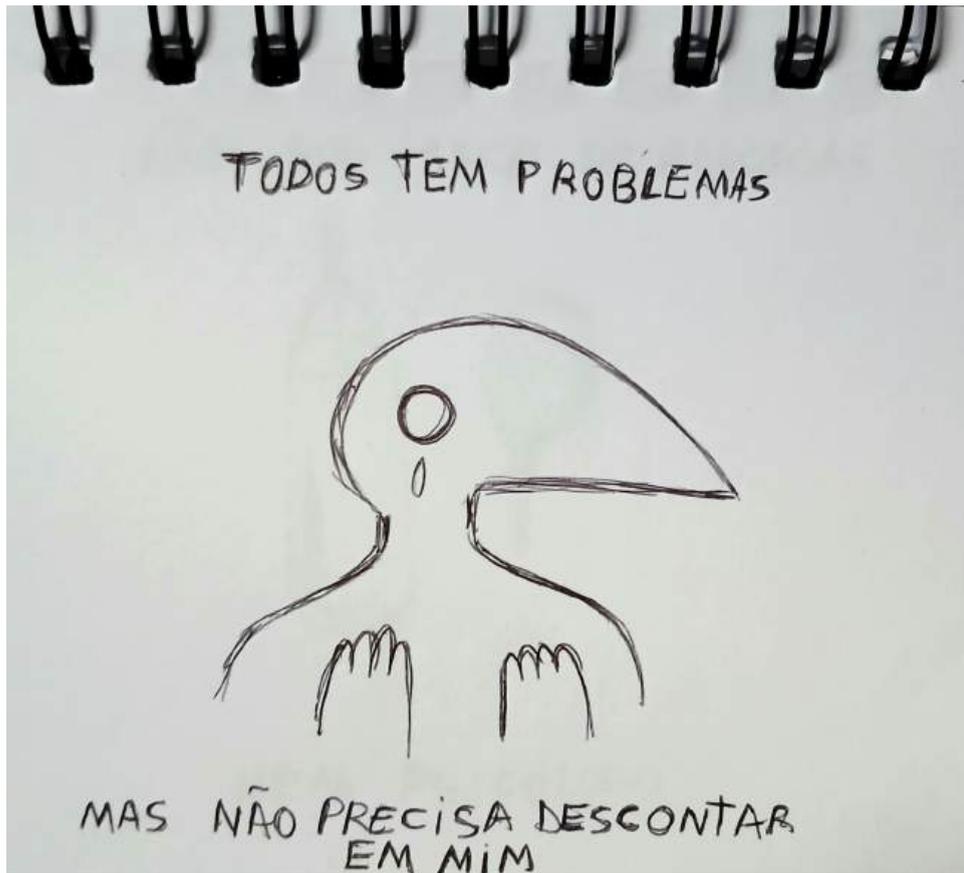
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



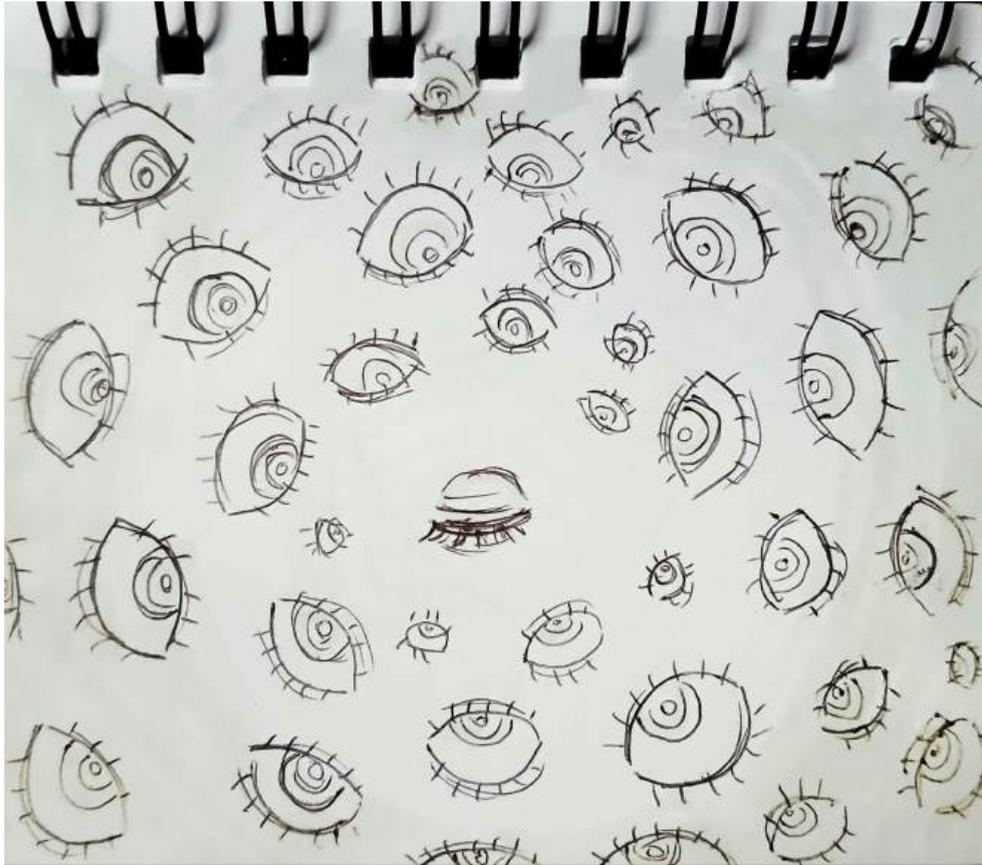
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



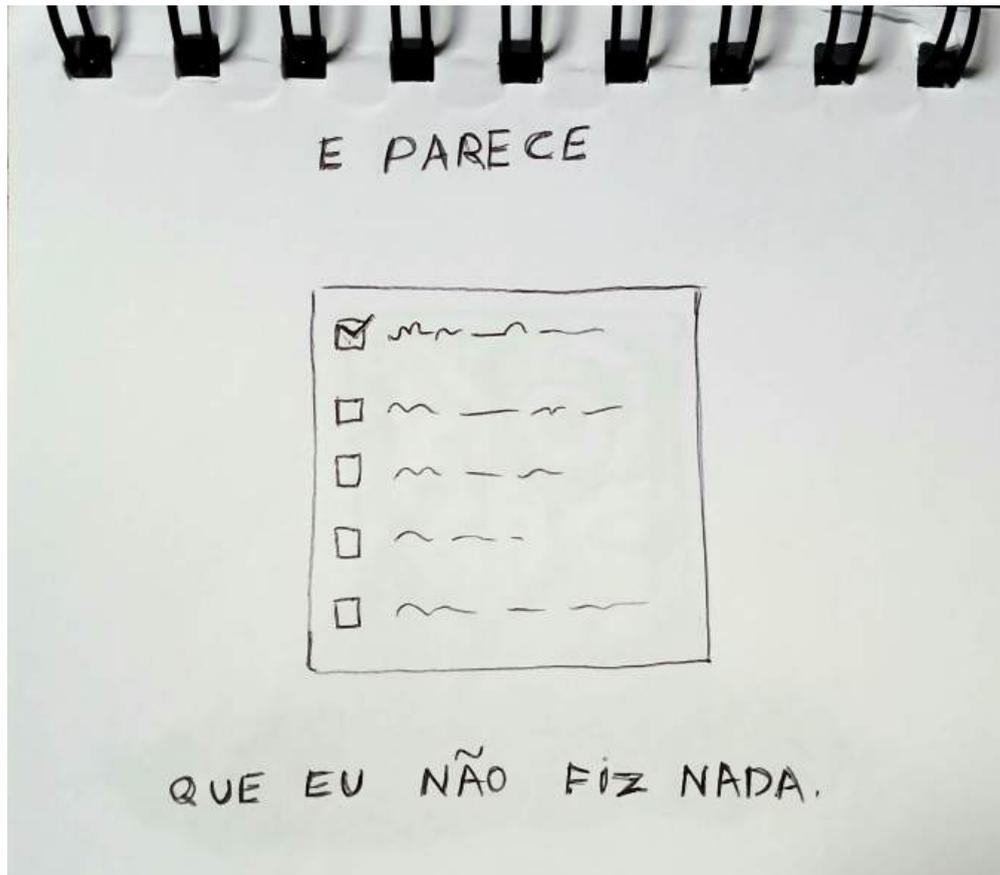
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



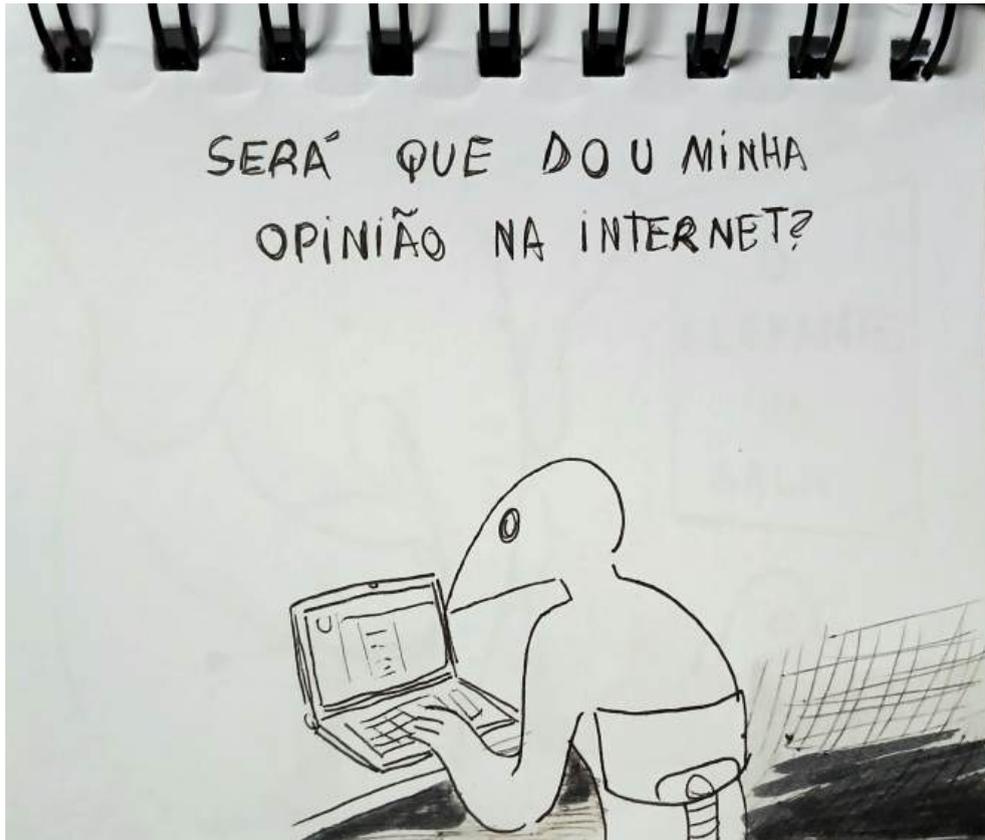
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



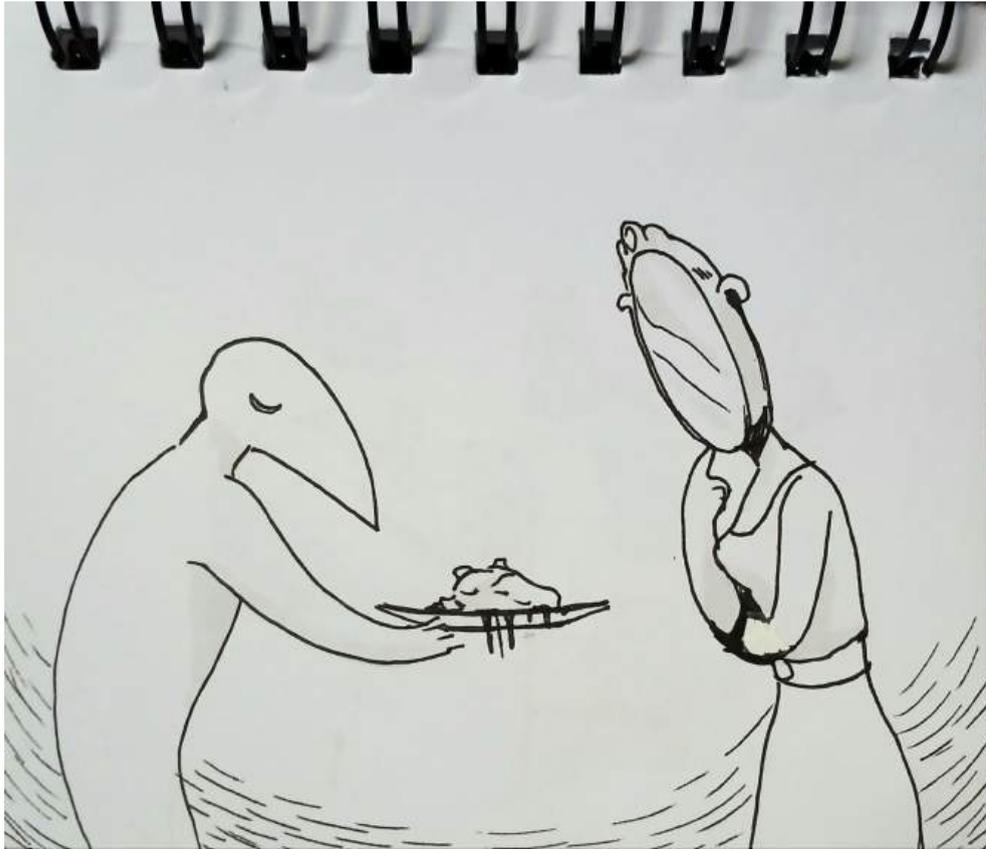
Fonte: Arquivo pessoal



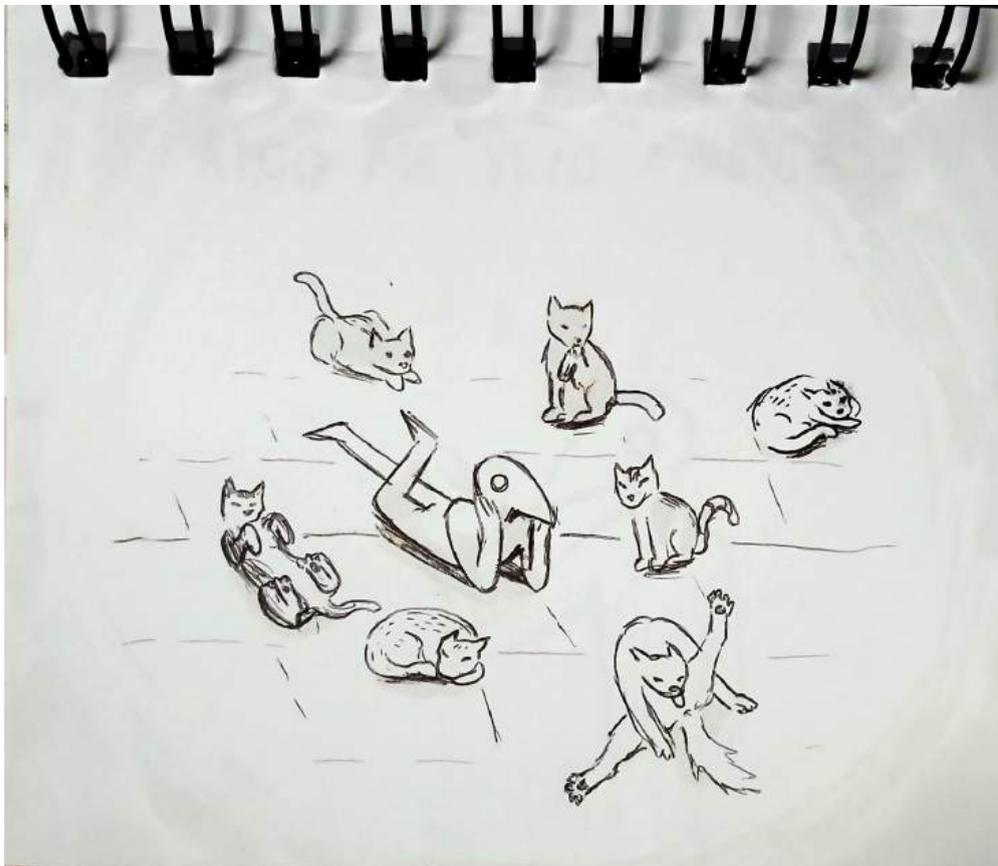
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



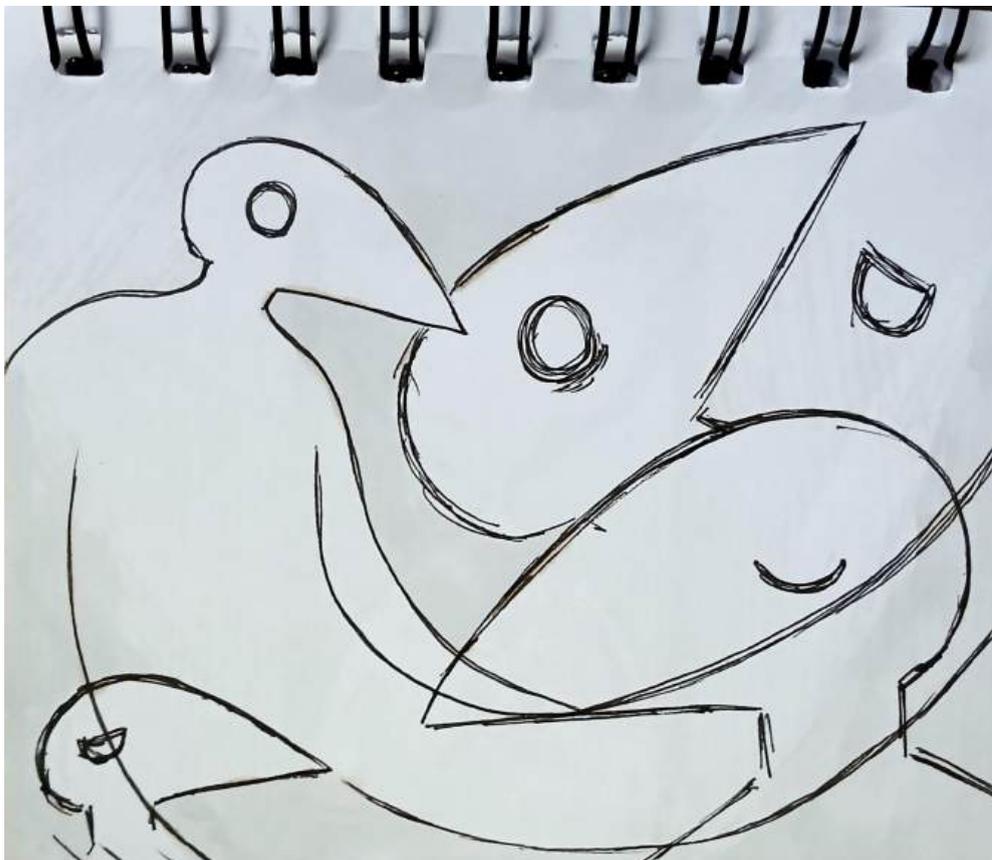
Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal